

## CAPÍTULO III

### A MÍSTICA NO TEMPO: RESSIGNIFICAÇÃO PELO MST, UM NOVO FAZER

#### 3.1. Ideias sobre a Mística no Tempo: olhares através das publicações do MST

**Imagem 9** - Apresentação de mística em comemoração aos 20 anos de existência do MST no Brasil, realizada no ano de 2004, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), Guararema – SP.



Fonte: Douglas Mansur (Acervo Pessoal).

Depois de tentar compreender a mística na perspectiva da CPT, centrarei a análise sobre a mística no MST. Ressalto a princípio que estou e continuarei refletindo a *mística* enquanto uma prática, não apenas o sentido originário ligado ao seu conceito, ou seja, a experiência do transcendental, do mistério <sup>209</sup>. A mística enquanto prática é carregada de intencionalidades em seu *fazer*.

<sup>209</sup> No capítulo seguinte, discutirei a mística como uma *prática cultural e política* na organização do MST.

Inserida propositalmente, a imagem acima, não como mera ilustração e sim como documento, objetiva que os leitores tenham uma primeira noção do que está sendo analisado. Ela corresponde a uma apresentação de mística, realizada no ano de 2004, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), situada no município de Guararema – SP. O momento de mística entre as atividades do Movimento é considerado sublime por seus integrantes.

A imagem se refere a uma mística realizada em comemoração aos vinte anos de existência do MST. Não é oportuno, neste momento, fazer uma análise mais detalhada sobre a mesma e seus respectivos significados, uma vez que outras imagens serão trabalhadas em análises futuras. Entretanto, sua riqueza simbólica é digna de nota, trazendo variados elementos que compõem o *fazer da mística*, dentre eles a beleza estética, a simplicidade do momento, os símbolos inerentes à organização do Movimento, às ferramentas de trabalho, aos alimentos, e as crianças simbolizando o presente e o futuro do MST.

Mesmo tratando a mística enquanto prática, é fundamental, ainda que brevemente, fazer algumas reflexões sobre o sentido originário do conceito *mística*. Sinteticamente, os dicionários buscam explicar o que é mística. No dicionário Aurélio B. H. Ferreira, mística refere a: “1. O estudo das coisas divinas ou espirituais. 2. Vida religiosa ou contemplativa; misticismo. 3. Crença ou sentimento arraigado de devotamento a uma idéia, causa, clube, etc. 4. Essência doutrinária: a mística liberal”<sup>210</sup>. Observo que as primeiras definições sobre mística nesse dicionário remetem ao sentido religioso, ligado ao mistério. Em seguida, ao sentimento profundo em uma causa, ideias, concepções políticas e ideológicas.

Nessa direção, originalmente, o conceito *mística* está ligado ao campo religioso. Nas análises de Leonardo Boff e Frei Betto, em sua obra *Mística e Espiritualidade*, o termo remonta à Antiguidade Clássica. Ao discutir sobre as possibilidades de se compreender o conceito mística, Boff descreve que etimologicamente a palavra mística vem do grego *múein*, mistério, que significa “perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção”<sup>211</sup>. Assim, mística está ligada ao campo da experiência. No senso comum, a palavra mistério, geralmente é utilizada para concluir uma reflexão que já esgotou as capacidades da razão, não conseguindo ter um entendimento exato sobre determinado assunto. O mistério se remete àquilo que está escondido, não comunicado à realidade, despossuído de carga teórica, mas essencialmente ligado à experiência religiosa ou espiritual.

---

<sup>210</sup> FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª Ed, 29ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 1099.

<sup>211</sup> BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 12.

Etiene Higuete, estudioso da área das *Ciências da Religião*, em um texto intitulado *O misticismo na experiência católica*, também aponta para algumas questões de terminologia em torno do conceito mística. Na sua compreensão, quando se fala em mística, naturalmente se reflete sobre a dimensão do sagrado, do espiritual, daquilo que transcende as explicações terrenas. Em suas palavras:

[...] Quando falamos em ‘mística’, aludimos à apreensão do mistério ou ‘sagrado’, que são modos de aparecer do divino, sobrenatural ou transcendente. [...] O mistério transcende o ato de ver, de enfrentar os objetos cujas estruturas e relações se apresentam ao sujeito para o seu conhecimento, isto é, ‘precede’ a relação sujeito objeto<sup>212</sup>.

No campo da Teologia, os já mencionados Leonardo Boff e Frei Betto descrevem reflexões interessantes no que diz respeito ao conceito *mística*, e os sentidos agregados ao mesmo. Estes autores trabalham na perspectiva da *mística ligada à espiritualidade*, defendendo a ideia de que todas as pessoas podem viver experiências místicas, não apenas os grandes sacerdotes e autoridades eclesásticas<sup>213</sup>. Logo, as experiências místicas poderiam ser experimentadas pelos sujeitos nos movimentos sociais. Cabe salientar que no MST, esses dois autores foram muito utilizados para ajudar a pensar a prática da mística, o que discutirei mais adiante.

Numa perspectiva mais conservadora, existem estudiosos da área de Teologia que preferem pensar a *mística*, ou *experiência mística*, em seu sentido original. Henrique Cláudio de Lima Vaz, no texto *Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental*, trabalha o conceito mística por meio dos testemunhos daqueles que ele concebe como *verdadeiros místicos*. Ao falar sobre a originalidade da experiência mística, por meio dos testemunhos dos *grandes místicos* (Platão, São João da Cruz, São Bernardo etc.), define no seu entender o que seria primordialmente experiência mística:

Ela é, em suma, a atividade por excelência da inteligência espiritual que é, por sua vez, a forma mais alta da atividade do espírito. É no domínio da inteligência espiritual que a contemplação metafísica e a contemplação mística podem exercer-se plenamente. Portanto, somente o discurso antropológico que compreende em si a categoria do espírito e admite como

---

<sup>212</sup> HIGUETE, Etiene. O misticismo na experiência católica, p. 21. In: *Religiosidade popular e misticismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

<sup>213</sup> O livro mais eminente sobre as ideias de Boff e Betto é *Mística e Espiritualidade*, publicado pela primeira vez em 1994. Nele, os autores reúnem diversos textos que tratam da *mística* e sua relação com a *espiritualidade*.

atos espirituais mais elevados os atos da inteligência espiritual é capaz de acolher adequadamente a autêntica experiência mística <sup>214</sup>.

Quando o autor fala em *autêntica experiência mística*, está negando qualquer outra experiência que se caracteriza como *mística*. Para o teólogo, há um equívoco muito grande de pesquisadores de outras áreas, especialmente das *Ciências Humanas*, que “reduzem” os significados do conceito mística, não fazendo alusão ao seu sentido original e “aos testemunhos autênticos e irrecuperáveis dos grandes místicos” <sup>215</sup>. Em uma análise geral, Lima Vaz aponta que houve certa desconfiguração do conceito mística, de modo que a chamada *modernidade* foi afastando cada vez mais as experiências místicas do seu sentido original.

Retornando às considerações de Leonardo Boff, fica perceptível a divergência de ideias deste com Lima Vaz, pois o mesmo acredita que a mística ou as experiências místicas existem antes e independentes das religiões <sup>216</sup>. Para tanto, os povos antigos já eram místicos em sua essência. Assim, o que aconteceu foi a distinta sistematização desse conceito ao longo do tempo.

Com a finalidade de não me alongar na discussão conceitual, até porque o que interessa neste primeiro momento é compreender como o MST vem sistematizando suas ideias sobre a mística, bem como de que forma procura sistematizá-la, ao explicitar alguns aspectos referentes ao conceito mística, constata-se que o seu entendimento é complexo, dependendo muito da abordagem escolhida e da área em que está inserido o pesquisador. Se originalmente o termo mística é ligado ao transcendental, à experiência espiritual não compreensível aos olhos carnis, é plausível, também, destacar que esse conceito foi *secularizado*. Ou seja, deixou de ser usado apenas pelo *campo religioso*. Para Lima Vaz, a modernidade abalou e ruiu a estrutura original da mística, restando nela apenas o “profundo e incoercível élan para o Absoluto que habita o espírito humano” <sup>217</sup>.

O certo é que o termo *mística* saiu dos domínios do campo religioso. É comum ler ou escutar algumas frases com expressões: *mística do futebol*, *mística do carnaval*, *mística do progresso*, *mística da política*, dentre outras. Tão correto também é o fato de que quando se

---

<sup>214</sup> LIMA VAZ, Henrique C. de. *Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental*. In: BINGEMER, Maria C. L.; BARTHOLO JUNIOR, Roberto dos S. (Orgs). *Mística e Política*. São Paulo: Edições Loyola, 1994. p. 15.

<sup>215</sup> LIMA VAZ, H. C. de., *Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental*. In: BINGEMER, M. C. L.; BARTHOLO JUNIOR, R. dos S. (Orgs.). *Mística e Política*, 13-21.

<sup>216</sup> BOFF, L; BETTO, F., *Mística e Espiritualidade*, p. 53.

<sup>217</sup> LIMA VAZ, H. C. de., *Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental*. In: BINGEMER, M. C. L.; BARTHOLO JUNIOR, R. dos S. (Orgs.). *Mística e Política*, p. 62

fala em mística há por detrás da palavra uma conotação de mistério, de algo incompreensível, sem explicações exatas. Sobre isso, torna-se relevante refletir que os conceitos e sentidos das palavras vão se transformando no transcorrer do processo histórico. De forma dialética, os conceitos e ideias vão sendo apropriados e ressignificados por distintos grupos, partindo de suas visões e interesses. Entretanto, é claro, não se pode negar, por mais que os sentidos das palavras mudem, por vezes, que alguns resquícios de seu sentido original ainda permanecem, como é o caso do conceito mística, que sempre é remetido à dimensão do mistério.

O Movimento há anos tem investido na prática da mística, bem como tem buscado teorizá-la. Nessa perspectiva, para compreender a mística no MST não se pode ficar preso aos sentidos clássicos que envolvem esse conceito, pois no Movimento ele ganha outros sentidos. Mística no MST deixa de ser algo apenas abstrato para se transformar em prática que, por sua vez, carrega muitas intencionalidades. A partir de alguns materiais publicados em seu interior, é possível fazer algumas reflexões de como o Movimento concebe a mística ou a sua mística.

Não obstante, é preciso analisar as ideias e concepções sobre a mística em sua temporalidade, também como essa prática foi se consolidando e se desenvolvendo com o tempo. À medida que a mística ganhou destaque entre as práticas do Movimento, houve a necessidade de refletir mais profundamente sobre ela, fato que fica evidenciado na quantidade de materiais publicados.

Em fins de 1980, o MST começou a escrever sobre a mística em suas publicações. Contudo, é na década seguinte que haverá uma preocupação maior em sua teorização, também na orientação de como essa prática deveria ser desenvolvida. No mês de abril de 1991, o MST lançou a primeira publicação destinada a tratar exclusivamente sobre a mística. É o Caderno da *Coleção Saber e Fazer Nº 2. A Questão da Mística no MST*. Este material se torna muito significativo para entender as primeiras ideias do Movimento sobre tal prática.

Na apresentação, a Direção Nacional do MST, responsável pela publicação, descreve que a mística deve ser o elemento fundamental que nutre a luta do Movimento contra a dominação. Almejando construir uma sociedade socialista, enfatiza que a “mística deve nos inspirar e empurrar para alcançarmos o mais rápido possível este objetivo”<sup>218</sup>. Neste documento, enfatiza-se que, desde o surgimento do MST, houve a preocupação de construir uma mística própria que contribuísse com a organização na busca de seus objetivos. Essa mística teria necessariamente de “motivar” as pessoas na luta e procurar “sintonizar o presente com o futuro”<sup>219</sup>. A mística deveria fazer com que os indivíduos se sentissem bem na luta

---

<sup>218</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. São Paulo, abril de 1991. p. 2.

<sup>219</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. p. 3.

pela terra e na organização do MST, não deixando o desânimo prevalecer. Assim, pode-se ter uma primeira definição da mística por parte do Movimento:

A mística deve ser entendida como sendo o conjunto de motivações que sentimos no dia-a-dia, no trabalho organizativo, que impulsiona nossa luta para a frente. Ela é responsável por reduzir a distância entre o presente e o futuro, fazendo-nos viver antecipadamente os objetivos que definimos e queremos alcançar <sup>220</sup>.

No mesmo ano em que foi publicado esse material, em setembro, o Movimento também lançou um Caderno chamado *Como Organizar a Massa*, que também fazia referência à prática da mística no MST. Essa publicação faz parte de uma série de manuais de organização do Movimento, chamados de *Cadernos Vermelhos*. Foram produzidos nove *Cadernos Vermelhos*, cada um direcionado a uma questão inerente à organização do Movimento <sup>221</sup>. Ainda sobre o Caderno *Como Organizar a Massa*, existe em seu interior um capítulo especial para tratar a *Questão da Mística no MST* <sup>222</sup>. O conteúdo é o mesmo edificado na Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. Mesmo sendo um conteúdo reproduzido, pode-se ter a noção de que a mística no MST é visualizada como uma prática que ajudaria a organizar os sujeitos, ou, a *massa*. Nessa perspectiva, já se pode perceber que a mística adquiriu uma função fundamental para a organização do Movimento.

Quando o Caderno referido é direcionado à *organização da massa*, logo se percebe que o mesmo tem um público alvo, responsável em organizar tal *massa*. Mas quem é massa? Aliás, como o MST organiza sua estrutura hierárquica? Desde seu surgimento, o Movimento procurou traçar características em face de sua natureza e, também, mostrar alguns níveis em sua organização. Sobre sua natureza, nos mais de vinte e seis anos de existência, atesta para si três características: *popular, sindical e político*. Eis a definição desses caracteres na visão do próprio Movimento:

**Caráter popular:** o fato de toda família participar, crianças, jovens, mulheres, adultos, velhos, dá à luta pela terra um caráter de luta popular. Da mesma forma, quando o MST luta nos assentamentos por escola, saúde,

<sup>220</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. p. 4.

<sup>221</sup> Os *Cadernos Vermelhos* são estes, em ordem respectivamente: *Sobre o Método Revolucionário de Direção; Normas Gerais do MST; Manual de Organização dos Núcleos; Como Organizar a Massa; Disciplina, Alianças; CHE – E os Quadros de Direção; Marcha Popular pelo Brasil e Documento Básico do MST*. Estes materiais foram publicados entre os anos de 1991 e 1993, e se constituem como fontes imprescindíveis para analisar a organização interna do Movimento, bem como suas visões de mundo, concepções ideológicas, projetos e objetivos.

<sup>222</sup> MST – Cadernos Vermelhos Nº 4. *Como Organizar a Massa*. São Paulo, setembro de 1991. p. 34-44.

cesta-básica de emergência, estrada, transporte, etc. são reivindicações que interessam a todo o povo e, portanto, de natureza popular.

**Caráter sindical:** quando a luta do MST se prende apenas ao aspecto de conquistar a terra para resolver o problema de trabalho, o problema econômico de algumas famílias, adquire um caráter sindical. Interessa somente àquelas famílias que ocuparam determinada terra. Ou reivindicaram determinada fazenda. E se as famílias se acomodam e deixam de participar de outras atividades do MST, sua participação tem um caráter sindical. Corporativo. Quando o assentamento luta só por crédito e por melhores preços dos produtos, é uma luta sindical.

**Caráter político:** o MST coloca como um dos seus objetivos a luta pela reforma agrária ampla e geral. Sabe-se que essa reforma agrária radical somente será possível com transformações profundas na sociedade. Com mudanças no poder. Logo, a luta pela reforma agrária adquire um caráter de luta política, pelo poder também. Não somente por terra para algumas famílias. Mas por terra para todas as famílias sem terra do Brasil. Então, o caráter político está a somar-se à classe trabalhadora como um todo, para a conquista do poder político<sup>223</sup>.

Nas inúmeras publicações do Movimento, estas três características sempre estão impressas, quase sem mudanças. Segundo o MST, são essas três características fundamentais que vão dar vida e fazem “a imagem pública do Movimento Sem Terra”<sup>224</sup>. Nesse sentido, ser *popular* traz a imagem de que todas as pessoas interessadas podem se integrar ao grupo. O fato de ser *sindical* tem a função de manter um vínculo com os sujeitos depois de assentados, procurando viabilizar condições para que esses possam se desenvolver dignamente nos assentamentos. Sendo um movimento de caráter *político*, remete ao MST a defesa dos interesses da classe trabalhadora. Logo, sua essência, parte da luta de classes. O interessante sobre esse terceiro aspecto é que o Movimento não quer ser confundido como uma organização partidária. Isso fica bem evidente na fala de João Pedro Stedile ao comentar sobre os princípios e natureza do Movimento: “Queremos ser organizados com características populares, sindicais e políticas de outro tipo. Não somos uma organização partidária, nem queremos ser, nem devemos ser”<sup>225</sup>.

No que tange à sua organização interna, o MST procura sistematizar níveis em sua hierarquia, e muito dos seus materiais são direcionados a essa hierarquização. Partindo do pressuposto de que o MST se intitula como um *movimento de massas*, internamente ele se compõe pelas seguintes instâncias: direção, militantes, base e massa. Essa divisão de níveis fica mais clara a partir do momento em que se adentra às diversas coordenadorias, aos

---

<sup>223</sup> MST – Cadernos Vermelhos Nº 6. *Alianças*. São Paulo, janeiro de 1993.

<sup>224</sup> MST – *Vamos Organizar a Base do MST*. São Paulo, março de 1995. p. 7.

<sup>225</sup> FERNANDES, B. M.; STEDILE, J. P., *Brava Gente*, p. 38.

acampamentos e assentamentos do MST. Ao passo em que vão se envolvendo com as atividades do Movimento, os sujeitos vão criando elos e se constituindo nesses níveis expostos. Para tanto, o que corresponde a cada uma dessas instâncias? Em uma cartilha editada em março de 1995, fruto de diversas discussões sobre a organização interna no MST, é possível compreender sinteticamente o que corresponde aos níveis mencionados. Destaco ainda que essa cartilha, chamada *Vamos Organizar a Base do MST*, se configura como fundamental para entender como o MST objetiva ser sistematizado, tanto acerca de suas Coordenadorias, como também nos acampamentos e assentamentos. Veja-se, então:

- a) **Direção:** É o núcleo dirigente responsável pela direção, unidade e condução do movimento de massa. Deve estar a nível local, estadual e nacional.
- b) **Militantes:** São os que dão sustentação e organicidade ao movimento de massa. Ou seja, *são as pessoas mais conscientes*, que fazem o vínculo entre os objetivos e decisões que a organização toma com sua ampliação na base e no meio da massa.
- c) **Base:** São os trabalhadores que se identificam com a organização e se sentem parte dela.
- d) **Massa:** São todos os trabalhadores que se mobilizam em torno de objetivos comuns e que dão representatividade ao movimento. É a população atingida pelas mensagens e que pode ou não se mobilizar<sup>226</sup>.

Não precisa comentar muito sobre a nítida visão hierarquizada dentro do MST. Não só essa cartilha evidencia, como outras tantas publicações edificadas pelo Movimento. O que chama atenção sobre isso é o fato de que se for fazer um balanço quantitativo de quem são os dirigentes e militantes, provavelmente seriam a minoria perto da chamada *massa*. Logo, essa relação hierarquizada entre os dois primeiros níveis com a *massa* é fundamental para a sustentação do Movimento. Quero dizer que a maioria dos sujeitos que compõem a massa são os que necessariamente dão vida e força ao MST, seja nas atividades que promove seja em seus respectivos acampamentos e assentamentos.

Algo sobre essa hierarquização passa pelo âmbito dos *conscientes* e *não conscientes*, ou dos *pouco conscientes* e dos *mais conscientes*, como assim são referidos aos militantes. A historiadora Cristiani B. da Silva problematizou esse assunto com muita propriedade e constatou que a legitimação da hierarquia no MST passa pelos *conscientes* e os *sem consciência*. Na sua compreensão:

---

<sup>226</sup> MST – *Vamos Organizar a Base do MST*. p. 8.

Concepções como a de formação e conscientização, vistas a partir desse olhar, podem ser pensadas como práticas instituintes e legitimadoras de hierarquias. Dessa forma, distribuídos em seus acampamentos, assentamentos e cooperativas, os sujeitos são constituídos em oposições: conscientes e sem consciência. Ao primeiro grupo pertencem as lideranças e outros envolvidos politicamente com as questões do MST. Ao segundo grupo, ou seja, aquele que não é líder, pertencem todos aqueles que não se interessam por todo um ‘conjunto de saberes’ ou que preferem descansar em casa depois de um dia de trabalho ao invés de ir a reunião ou curso de formação<sup>227</sup>.

No mesmo sentido, a pesquisadora Maria Celma Borges, analisando as práticas e as representações camponesas no Pontal do Paranapanema – SP, também questiona a hierarquia de níveis de consciência que objetiva o MST. Ela destaca que é preciso pensar as práticas camponesas “para além da massa, da vanguarda e do mito”. A autora também observa o estabelecimento de *níveis de consciência* na interioridade do MST, tecendo críticas a sua *vanguarda*<sup>228</sup> que, por vezes, minimiza a apreensão dos saberes dos sujeitos que não a compõem. Neste caso, Borges acredita que o conceito de *massa* utilizado pelo MST, “via de regra, limita a leitura das práticas e representações das pessoas comuns”<sup>229</sup>.

Sobre as leituras das historiadoras Silva e Borges, não há dúvida sobre o investimento do MST em hierarquizar a sua organização, bem como de hierarquizar os *níveis de consciência* de seus integrantes. Nessa direção, também não há como negar que o conceito de massa, referindo-se aos *sujeitos comuns*<sup>230</sup>, é muito limitado, não dando conta de explicar a complexidade de saberes e experiências dos milhares de homens e mulheres participantes do MST.

A ideia de *massa* passa a impressão de que todos os sujeitos são voláteis e vão apenas para a direção que os *mais conscientes* desejam. Assim, é negligenciada a possibilidade dessa *massa* pensar e fazer suas próprias escolhas. Além disso, ainda menciono que *massa* é um termo tanto quanto pejorativo, tendo em vista que as pessoas são sujeitos pensantes, feitos de carne e osso e, para quem acredita, também possuem uma alma. Limitar os sujeitos à condição de massa, é simplificar a complexidade do ser humano.

---

<sup>227</sup> SILVA, C. B. da., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 40.

<sup>228</sup> Por *vanguarda* compreende-se as *partes pensantes* do MST, aqueles que são considerados os *mais preparados e conscientes* para dirigirem e coordenarem as diversas atividades do Movimento. Geralmente, é essa mesma vanguarda que compõem seu corpo de intelectuais, responsáveis em sistematizar e conduzir o Movimento.

<sup>229</sup> BORGES, M. C., *De pobres da Terra ao Movimento Sem Terra*, p. 244.

<sup>230</sup> A expressão *sujeitos comuns* se refere aquelas pessoas que lutam no Movimento, mas que não possuem cargos dentro de sua estrutura organizativa, pelo menos em nível regional, estadual ou nacional.

A proposta de discutir a caracterização e como é pensada a estrutura organizacional do MST, se refere à questão de que muitas vezes os escritos e orientações sobre a mística são direcionados a esses níveis e instâncias. Pois Bem! Volto a pensar as ideias do MST sobre a mística através de suas publicações no tempo. No mês de maio de 1993, o *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, em seu Caderno de Estudos, também publicou uma matéria para que os sujeitos Sem Terra pudessem compreender do que se tratava a mística que o Movimento cultivava. O título é bem incisivo: *A Mística*. O texto foi escrito pelo teólogo Leonardo Boff que é considerado pelo MST um dos grandes teóricos da mística no Movimento.

A escrita de Boff diz respeito ao que ele chama de *sentido sócio-político da mística* e da relação *mística e militância*. Nela estão contidas muitas das discussões que o MST já fazia em seus materiais. Sendo um movimento social, o Movimento afirmava que o sentido de sua mística era *sócio-político*, no qual a *utopia* e o *projetar de uma sociedade diferente* eram suas bases. Nessa perspectiva, sua mística deveria ser compreendida como um “conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam as pessoas e movimentos na vontade de mudanças ou que inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos”<sup>231</sup>. Assim, o sentido de mística praticado no MST se diferenciava da CPT, pois no Movimento ela ganhava conotação política, de *visões e convicções profundas*, sobretudo no que tange às transformações estruturais na sociedade. Não que a mística praticada pela CPT não aspirasse transformações políticas, mas os significados e sentidos com essa prática tinham uma ligação estreita com a espiritualidade dos sujeitos.

A mística, em seu sentido *sócio-político* para o MST, deveria ser encarada como uma prática que alimentasse a indignação diante do *status quo*, orientando as ações dos sujeitos para a construção de um futuro melhor. Destarte, a mística era visualizada como “o motor de todo o compromisso, aquele entusiasmo que anima permanentemente o militante, aquele fogo interior que alenta as pessoas dentro da monotonia das tarefas quotidianas, por fim, permite manter a soberania e a serenidade nos equívocos e fracassos”<sup>232</sup>. Observa-se que a mística precisava provocar os efeitos de *ânimo*, *entusiasmo* e *fogo interior* nos sujeitos. Nessa perspectiva, estava relacionada a uma dimensão abstrata, das subjetividades. Porém, não estava desconfigurada da realidade, nem do compromisso de transformação social.

---

<sup>231</sup> BOFF, Leonardo. *A Mística. MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, maio de 1993, Ano XII, Nº 125. p. 3.

<sup>232</sup> BOFF, Leonardo. *A Mística. MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. p. 3.

Sobre o sentido sócio-político atribuído à prática da mística, alguns pesquisadores teceram análises significativas quanto essa questão. No entender de Cristiani Bereta da Silva, sendo a mística produzida e reconstituída no interior do MST, tendo como principais incentivadores *agentes religiosos* que lhe prestavam assessoria, e objetivando produzir o devir do MST, ela se caracterizaria como uma “fé dimensionada”, enraizada como um sentimento do sagrado. Entretanto, também manteria uma *fé dimensionada ao nível do político*, servindo ao projeto de transformação social que o Movimento almejava. “Isso porque a mística é percebida como capaz de converter as pessoas ao projeto pelo sentir, sendo também a reconstituição da idéia de utopia”<sup>233</sup>. Para Silva, a mística, como uma “fé dimensionada”, agregaria também o seu *sentido sócio-político*, visando à transformação social e procurando direcionar os modos de viver dos integrantes do Movimento. Por este viés, a prática da mística teria um papel fundamental, tanto individual quanto coletivo nas mais diversas manifestações que o MST produziria e no cotidiano dos acampamentos e assentamentos. Para além de *animar* e *revigorar* os sujeitos frente às diversas lutas, a mística objetivaria a união e o fortalecimento do grupo.

Nessa direção, imbricado ao sentido sócio-político, a mística agregaria também o seu *sentido ideológico*. Evandro Costa de Medeiros discute que o *sócio-político* e *ideológico* estaria conectado no fazer da mística. Essa prática objetivava transformações sociais que proporcionariam a construção da *nova sociedade* almejada pelo MST. Carregando o seu sentido *ideológico*, a mística teria a capacidade de construir ideias, valores e modos de viver entre os sujeitos. Logo, a mística no MST teria em si “a capacidade de impulsionar entre as pessoas a tomada de atitudes perante o real e de contribuir com a transformação humana, desencadeando um processo que vai contagiando (ideologicamente) mais pessoas e alimentando transformações maiores”. Ao dizer que as ideologias traduzem concepções de mundo e se manifestam por meio das atividades política, econômica e culturais, enfim, de todas as relações humanas, Medeiros afirma que a mística era “em si uma forma através da qual se materializa a manifestação de ideologias”<sup>234</sup>. Deste modo, a mística teria a função de incentivar os sujeitos a lutarem por suas utopias, não fazendo delas apenas um sonho distante, mas um ideal que poderia ser conquistado com muita luta.

Com o passar do tempo, e se consolidando como uma prática eficaz no MST, outras publicações foram sendo construídas no Movimento, visando à compreensão e à

---

<sup>233</sup> SILVA, C. B. da., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 137.

<sup>234</sup> MEDEIROS, Evandro C. de. *A Dimensão Educativa da Mística Sem Terra: a experiência da Escola Nacional “Florestan Fernandes”*. 2002. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. p. 156.

sistematização de tal prática. Deste modo, em março de 1998, o Caderno de Formação Nº 27, intitulado *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*, traz considerações específicas sobre a mística e a sua relação com a organização do MST. Essa fonte é bem interessante para pensar a mística no MST. O material está dividido em três partes, ou melhor, contém três textos de autores diferentes que falam sobre um mesmo assunto: *mística*.

O primeiro artigo é de Ranulfo Peloso, intitulado *A força que anima os militantes*; em seguida Ademar Bogo escreve *Como melhorar nossa mística*, e fechando a publicação, o teólogo Leonardo Boff participa com seu texto *Alimentar nossa mística*. Os três textos, ou pelo menos as ideias principais dos mesmos, já tinham sido publicados em outros materiais do MST, em partes separadas e até mesmo em livros, como é o caso de Leonardo Boff<sup>235</sup>. Ranulfo Peloso também publicou um texto com o mesmo nome no MST em novembro de 1994. Assim, a reunião destes três textos remete a uma síntese de como o MST compreendia, naquele momento, a mística e qual o seu papel na organização do Movimento. Ressalto que os Cadernos de Formação são preparados para estudos com a militância, depois esses são responsáveis em desenvolver estudos com os outros sujeitos nos acampamentos e assentamentos os quais ajudam a coordenar.

A princípio, é passível de reflexão o título do Caderno: *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. O MST partia da premissa de que a prática da mística era fundamental no trabalho popular e na organização do Movimento. Sem mística, seria mais complicado desenvolver as suas diversas atividades.

Na apresentação, a Direção Nacional do MST destacava que desde o seu surgimento houve a preocupação em desenvolver uma mística vinculada à prática (ação). Ou seja, não uma mística que ficasse apenas no campo teórico. Para tanto, reconhece que essa prática no MST teve influências das Pastorais Populares Católicas, especialmente da CPT, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e por experiências acumuladas que antecederam o Movimento. Sobre isso, o interessante é que há uma sentença de que: “mas, sobretudo, a desenvolvemos inspirados no ideário das lutas socialistas históricas, na luta universal por melhores condições de vida, desencadeada ao longo dos séculos por toda a humanidade”<sup>236</sup>. Com esse discurso, a preocupação do Movimento era desvincular a prática

---

<sup>235</sup> Grande parte das discussões do texto de Leonardo Boff no Caderno de Formação Nº 27, intitulado *Alimentar nossa Mística*, está em seu livro *Mística e Espiritualidade*, lançado em 1994 e que, por sinal, já foi discutido parcialmente nas primeiras páginas desse capítulo.

<sup>236</sup> MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998. p. 5.

da mística do âmbito religioso. Há o reconhecimento que essa prática advém da Igreja, porém, no MST ela toma outros significados.

O MST compreendia que a mística tinha um papel fundamental nas lutas, tanto no aspecto individual como no coletivo, nas celebrações, nas vitórias e nas derrotas. Diante disso, a mística teria “o papel de nos animar, de nos revigorar para novas e maiores lutas. De nos unir e fortalecer. Tem o papel de nos dar consistência ideológica em nosso trabalho do dia-a-dia”. O Movimento objetivava que essa prática contagiasse todos os seus integrantes. E, que a mesma devesse ser praticada em todos os lugares e atividades em que o MST se fizesse presente, “em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos e assentamentos”<sup>237</sup>.

Sobre os textos de Peloso, Bogo e Boff, contidos neste Caderno de Formação, faço uma análise geral de como esses autores descreveram suas ideias perante a mística. Destaco, então, que essas ideias convinham às perspectivas e visões do Movimento. Abrindo essa publicação, Ranulfo Peloso parte do princípio de que a mística carregava em si uma dimensão do mistério, não apenas por causa do seu conceito. A mística seria o “segredo que alimenta a existência e a luta dos militantes e de todo o povo que luta”. O próprio autor compreende que é complexo falar sobre a mística, pensando no fato de que seus sentidos podem ser variados. Assim, elucida algumas noções e opiniões sobre a mesma:

Essa força (mística) é uma realidade que mais se vive do que se fala sobre ela. É uma experimentação que contempla a realização de um conteúdo invisível: o valor da vida, a dignidade das pessoas e a eterna rebeldia para continuar livre, a função criadora do trabalho, a solidariedade universal. É uma sabedoria, um modo de saborear a vida que junta, sem contradição, o sentimento, a ação e ao pensamento.

A mística não poderia ser uma *pílula de otimismo* ou entusiasmo infantil para escapar dos problemas e desafios da realidade. Ao contrário, é a *alma da esquerda* que produz a garra necessária para combater as injustiças e a disposição para empenhar-se, desde já, na concretização histórica de nossos sonhos<sup>238</sup>.

Nas palavras de Peloso, a mística carregava em si uma dimensão do abstrato e do concreto. Ou seja, ela teria um conteúdo invisível, despertando emoções, sentimentos e sonhos. Entretanto, não deveria apenas ficar restrita a essa esfera. Ela necessitava estar conectada com a realidade, chamando os sujeitos para compreenderem como a realidade é

---

<sup>237</sup> MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. p. 5.

<sup>238</sup> PELOSO, Ranulfo. A força que anima os militantes. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. p. 8-9.

construída e as contradições inerentes a essa construção. Sendo a *alma da esquerda*, deveria inspirar os sujeitos para que lutassem por seus sonhos.

O texto *Como Melhorar Nossa Mística*, de Ademar Bogo, é um pouco mais incisivo em relação à prática da mística, no sentido de que ela deveria fazer parte da realidade dos sujeitos, contribuindo com a organização do Movimento. Muitas coisas tratadas por Peloso também são elucidadas por ele, como o fato de a mística estimular as *emoções, sentimentos, motivações, sonhos e metas* para os sujeitos durante as lutas. Todavia, Bogo se preocupava mais em orientar, de maneira geral, como deveria ser desenvolvida a mística, bem como os elementos essenciais usados em tal prática. Sobre a prática da mística, Bogo ressalta que ela deveria estar profundamente voltada para a causa do MST, sendo materializada por meio das ações individuais e coletivas dos sujeitos. A mística, assim, não poderia ser apenas uma celebração, ela tinha que ser vivida pelos sujeitos. Dentre os elementos que compõem a causa do MST, e que a mística deveria contemplar, está a “libertação do proletariado, a reforma agrária e o socialismo”<sup>239</sup>.

Fechando o Caderno de Formação, que está sendo analisado, Leonardo Boff escreveu *Alimentar Nossa Mística*. Nesse texto, as discussões são mais apuradas e eruditas diante do conceito *mística* e seus *variados sentidos* como: *antropológico-existencial, sentido religioso, sentido cristão, sentido sócio-político*<sup>240</sup>. O objetivo desse texto era fazer com que os sujeitos que pertenciam ao Movimento tivessem uma visão mais ampla sobre a mística. As dimensões de ser a *alma, a força, o fogo interior, o ânimo, o entusiasmo* se caracterizavam como marcantes, tendo em vista a auxiliar os sujeitos caminharem rumo às conquistas.

Ainda em fins da década de 1990, foram publicados outros textos que teciam as ideias do MST sobre a mística. No momento, não os menciono porque os discursos se repetem muito. E essa repetição, se configura como elemento de análise, ao fato que ela remete à interpretação de que no Movimento, nesse período, não havia muitas pessoas que se dedicavam a refletir sobre tal prática, e que muitas das ideias e direcionamentos sobre a mística estavam ainda para serem construídas e reconstruídas.

Na primeira metade dos anos 2000, houve, por parte da organização do MST, também um investimento visando teorizar e organizar ideias em relação à sua mística. Alguns discursos foram adicionados aos que já analisei até aqui; também outros se repetiram. Um dos autores que se destacou ao tentar explicar a mística no Movimento, nessa época, foi Ademar

---

<sup>239</sup> BOGO, Ademar. *Como Melhorar Nossa Mística*. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. p. 16.

<sup>240</sup> BOFF, Leonardo. *Alimentar Nossa Mística*. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. p. 25-38.

Bogo. Sendo um dos *intelectuais orgânicos* <sup>241</sup> do Movimento, Bogo não só publicou materiais dentro do MST, como externamente <sup>242</sup>. Tentarei, agora, sintetizar outras ideias sobre a mística do Movimento a partir das publicações de Bogo.

Antes de mencionar alguns textos sobre a mística, assinados por Bogo, em julho de 2001, o MST elaborou um livro chamado *Construindo o Caminho*. Essa publicação foi produzida pela *Coordenação Nacional do Programa de Formação de Militantes de Base*. A proposta era ter um material em que os integrantes do Movimento pudessem estudar e trabalhar na formação de sua militância de base. No livro, estão contidos diversos assuntos, que na perspectiva do Movimento sintetiza o que era “de fato o MST”. Na busca em elucidar, para seus integrantes, o *todo de sua luta*, através desta publicação, o Movimento abordava variados assuntos, desde *modelo econômico da agricultura brasileira, a luta pela terra e o MST, trajetória histórica do Movimento, linhas políticas do MST, organização de assentamentos, o MST e a Educação, sementes transgênicas, saúde*, dentre outros assuntos<sup>243</sup>.

Nesse material, não poderia faltar uma parte relacionada à *alma* do Movimento, isto é, a sua mística. Ao final, em sua quarta parte, é dedicado um espaço especial para discutir a compreensão da mística e sua importância, bem como algumas orientações básicas de como desenvolver e melhorar essa prática. Apesar de os textos escritos nesse livro não estarem assinados, provavelmente, quem escreveu os relacionados à mística foi Ademar Bogo, pelo menos a escrita e as ideias são muito parecidas com seus textos que iriam ser publicados posteriormente.

Quando penso em discutir as noções de Bogo, acho significativo pelo fato de que ele procurava uma razão da existência e desenvolvimento da mística no MST. Deste modo, ao mesmo tempo em que criava uma ideia *autêntica* da mística, se afastava consideravelmente de alguns sentidos apregoados a ela nas Pastorais Populares, especialmente na CPT. Cabe lembrar, que não é negado que a mística no MST tenha uma ligação com a mística desenvolvida pelos agentes religiosos em seus trabalhos com os sem-terras, contudo, os escritos de Bogo buscavam dar *novos significados* e *autenticidade* à mística. Essas hipóteses

---

<sup>241</sup> Ao remeter a figura de Ademar Bogo como sendo um *intelectual orgânico* no MST, penso esse conceito na perspectiva sociológica de Antônio Gramsci. Para esse autor, os intelectuais orgânicos são aquelas pessoas que nascem ao mesmo nível das diversas classes sociais, como sua categoria pensante. Ou seja, no caso de Ademar Bogo, esse seria um pensador do MST. Para tanto, o que tipifica o intelectual orgânico não é a sua pertença a classe social, mas sim o caráter de sua vinculação com tal classe, a sua adesão aos seus interesses históricos, expressa em sua práxis junto ao grupo. Para se aprofundar nas reflexões sobre o conceito de *intelectual orgânico*, ver: GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

<sup>242</sup> Dois livros interessantes escritos por Ademar Bogo foram publicados pela Editora Expressão Popular. Ambas as obras fazem reflexões sobre o MST e a prática da mística. São elas: BOGO, A. *Arquiteto dos sonhos*. São Paulo: Expressão Popular, 2003; e BOGO, A. *Identidade e Luta de Classes*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

<sup>243</sup> MST – *Construindo o Caminho*. São Paulo, julho de 2001.

que formulo têm lógica quando são atestadas *as origens e as vertentes* dessa prática no Movimento.

Em *Construindo o Caminho*, as concepções da mística como sendo um *mistério*, o *inexplicável* que *move* e dá *força* ao MST, são mantidas. Conforme o texto *A mística dos sem terra: razão da persistência*, a mística do MST teria surgido de três vertentes. A primeira se refere à *natureza contemplativa da vida camponesa*, ou seja, o fato de o camponês ser contemplativo em diversas dimensões. A segunda vertente viria da *música e poesia*. As músicas e poesias acompanhariam o MST desde sua origem. Elas contemplariam todas as dimensões dos sujeitos, como lazer, festa, religião, ocupações e vivências cotidianas. As pessoas se identificariam com as canções e poesias. A terceira vertente seria da *devoção*, em que denota o caráter transcendental da mística<sup>244</sup>. De acordo com o documento, essas três vertentes se misturariam e gerariam sustentação à mística do MST.

Estas vertentes nos dizem portanto, que *a mística no MST não nasce do nada*, nem é usada demagogicamente para atrair solidariedade externa. Ela tem origem na essência da vida de seres humanos, que aprenderam ao longo dos tempos, manifestarem na realidade seus sonhos e sentimentos, sem ter vergonha de cantar, emocionar, chorar e abraçar àqueles que junto vão em busca do mesmo sonho<sup>245</sup>.

*A mística do MST não nasce do nada!* Esta sentença remetia à necessidade de o Movimento forjar de onde a mística vinha e quais eram as suas características. Traçar um entendimento para seus integrantes e também para aqueles que eram estranhos ao MST passou a ser uma tarefa de seus intelectuais, especialmente Ademar Bogo. No século XXI, esse autor sistematizou seu entendimento sobre a mística na perspectiva elucidada acima, acrescentando algumas poucas discussões. A mística do MST passaria a ter algumas *raízes e vertentes*. Em duas publicações de Bogo, exatamente em *O Vigor da Mística*, no ano de 2002, e em *Arquiteto dos Sonhos*, lançada em 2003, isso ficou bem evidenciado.

Em relação ao *O Vigor da Mística*, numa perspectiva crítica, essa publicação se configura como um *manual* sobre o entendimento de mística na visão do MST, e como deve ser sua prática entre os seus integrantes. Bogo ressaltava que o objetivo do livro era “melhorar a mística no MST”<sup>246</sup>. O mesmo divide-se em três partes, sendo elas respectivamente: *A mística companheira eterna da existência*, *Sustentáculos da Mística* e *A participação*.

---

<sup>244</sup> MST – *Construindo o Caminho*. p. 231-37.

<sup>245</sup> MST – *Construindo o Caminho*. p. 237.

<sup>246</sup> BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo, 2002. p. 19.

Já no livro *Arquiteto dos Sonhos*, Bogo se utiliza de uma narrativa literária para contar histórias a respeito do MST, de suas lutas, objetivos, sonhos e metas. Este livro pode ser considerado uma fonte para o historiador, pois aponta muitas informações a respeito do MST, suas ideias, organização e visões de mundo. O interessante é que no livro existe um capítulo especial para discutir a mística. Em *A força que vem da mística*, as discussões se dão na forma de diálogos entre quatro personagens integrantes do Movimento – Celso, Mirian, Raimunda e Joelma. No desenrolar das conversas e da trama literária, pontuam-se questões relacionadas às *raízes da mística*, sua *base de sustentação* e alguns elementos dos quais é possível *entender a mística* desenvolvida no MST <sup>247</sup>.

Como nas diversas publicações analisadas em relação à mística, as dimensões do *mistério*, do *ânimo*, da *força*, da *alma*, também se fazem presentes em *O Vigor da Mística* e *Arquiteto dos Sonhos*. Nas duas publicações, Bogo também se remete à existência da mística no MST aos três elementos já elucidados: a *contemplação*, os *sons* (músicas) e a *devoção*. Tendo as raízes nesses três itens, para ele, a mística do MST estaria ligada diretamente à existência humana, no sentido de que ela sempre existiu entre os seres humanos, em forma de *mistério*. Logo, a mística existiria “pela teimosia e vontade do ser humano existir” <sup>248</sup>.

Sobre essa busca das *origens* e da *razão da existência* da prática da mística no Movimento, torna-se significativo destacar as reflexões de Plínio de Arruda Sampaio quanto a isso. Como simpatizante do MST e não participante de sua organização, em um texto de sua autoria intitulado *A Mística*, Sampaio expõe que o MST se caracterizava como o movimento popular mais relevante da história brasileira. No seu entender, junto às ações do Movimento, existiria uma força misteriosa que *movia* e *alimentava* a resistência e sonhos de sua organização. Ela era resumida como: *mística*. Para ele, a mística do MST tinha raízes no *milénarismo camponês*.

A mística do MST tem raízes no milénarismo camponês. Em todo o mundo e desde sempre, o camponês é a pessoa que aspira e acredita na possibilidade de um mundo justo e em harmonia com a natureza. Em nome dessa utopia, as massas rurais têm se levantado, através dos tempos, contra o mundo real, sempre injusto, cruel e desequilibrado <sup>249</sup>.

---

<sup>247</sup> BOGO, Ademar. A força que vem da mística. In: \_\_\_\_\_. *Arquiteto dos sonhos*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003. cap. VII, p. 301- 347.

<sup>248</sup> BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo, 2002. p. 41.

<sup>249</sup> SAMPAIO, Plínio de A. *A Mística*. Nov. 2002. Disponível em: <[www.landless-voices.org/vieira/archive-05.phtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0](http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.phtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0)>. Acesso em: 07 nov. 2006, s/p.

Percebe-se que Sampaio entende que a *base da mística* no MST se encontraria na cultura da população rural. Assim, a dimensão da *fé cristã* e a *utopia socialista-marxista* somavam-se para também formar seu alicerce. Neste caso, descreve que a mística do Movimento era formada pela mescla de três elementos: “o milenarismo camponês; a fé cristã na vida eterna; e a esperança socialista de construir aqui na terra uma sociedade igualitária e democrática – deu como resultado a mística do MST”<sup>250</sup>. Composta por estes três elementos, os frutos da mística seriam os seus valores como: solidariedade, indignação, compromisso, coerência, esperança, autoconfiança, alegria e ternura.

No que tange à organização do Movimento, por meio de alguns autores, tanto pertencentes ao Movimento como é o caso de Ademar Bogo, como externos a ele, no caso de Ranulfo Peloso e Leonardo Boff, procurou-se construir ideias e concepções a respeito da mística em sua organização, chamando atenção para o fato de como ela deveria ser entendida e também desenvolvida. Foi possível observar, nas análises das fontes, que o MST construiu suas próprias ideias a respeito da mística, buscando suas *raízes e vertentes*. Nota-se também que os discursos sobre a mística e os aspectos relacionados a ela foram sendo sistematizados com o decorrer do tempo.

Muitos dos discursos que diziam respeito à mística no MST foram se repetindo em diversos materiais. Todavia, outros foram sendo adicionados com o passar do tempo, visando a uma construção de significados e sentidos mais estruturados e convincentes sobre tal prática. O ato de investir em publicações relacionadas à mística demonstra a importância dessa prática para o Movimento, bem como o papel relevante que a mesma possui entre os sujeitos. Não obstante, as fontes revelaram como a mística deveria ser praticada, ou seja, desenvolvida. Nesta perspectiva, como é pensada a mística enquanto prática? Como ela necessitaria ser desenvolvida? Quais são os elementos que geralmente estariam presentes no seu fazer? Será que esses elementos sempre foram os mesmos? Estas e outras indagações serão objetos de análises no próximo tópico.

### **3.2. A mística e seu fazer**

No palco, algumas pessoas vestidas de agricultores cultivam a roça, outras fantasiadas de indígenas dançam e membros de um quilombo trabalham. Esses três grupos atuam em separado, desenvolvendo simultaneamente suas ações. A música retrata as peculiaridades da América. Logo, chega um grupo com homens vestindo ternos e outros, semelhantes a jagunços, os

---

<sup>250</sup> SAMPAIO, Plínio de A. *A Mística*. Nov. 2002. Disponível em: <[www.landless-voices.org/vieira/archive-05.shtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0](http://www.landless-voices.org/vieira/archive-05.shtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0)>. Acesso em: 07 nov. 2006, s/p.

acompanham. Eles carregam um cartaz com os dizeres: ‘Bem vindos ao progresso’. Com eles, surge a cerca e uma espécie de político que carrega em sua cabeça um chapéu com as cores dos Estados Unidos (referência ao personagem Tio Sam). Atrás do político, em uma caravana, aparecem homens com becas, representando o aparato das leis. Começa o confronto. Os jagunços violentam os índios. Um lápis gigante agride os camponeses que são cercados com os outros grupos. O conhecimento, representado pelo lápis, é usado contra os trabalhadores. Os três grupos, ao serem colocados juntos na escravidão passam a entrar em contato e ocorre a partilha entre eles. Nesse momento, dados sobre a exclusão dos índios e negros e sobre a desigualdade social são enumerados. Os grupos, unidos, libertam-se, os opressores fogem. Todos dançam, espalhados pelo palco. Bonecos gigantes representando o camponês, o índio, o negro e a mulher chegam ao palco. Após as apresentações dos convidados das palestras, a mística retorna. Os participantes dançam e surgem cuspidores de fogo, que, com roupas nas cores verde e amarelo, fomentam a chama da luta. Os oprimidos colocam suas mãos na direção do fogo, para receber a energia revolucionária. Cria-se uma roda e todos os presentes na Assembléia são convidados a participar. A vitória dos oprimidos simboliza a vitória de todos e a platéia entra no palco, celebrando a conquista da liberdade. Os bonecos participam de eventos até o final do dia, alegrando as atividades políticas <sup>251</sup>.

A partir do momento em que propus estudar a mística no MST, compreendi o quão importante é *fazer a mística* para seus integrantes. Em diversas ocasiões como Encontros, Congressos, Marchas, ocupações, dentre outras atividades empreendidas pelo Movimento, constatei que um dos momentos mais importantes e esperados é a *hora da mística*. Sempre ouvia algumas vozes dizendo: “quem vai fazer a mística hoje?”, “vamos rápido se não vamos perder a mística”. Para um *estranho*, ou seja, não pertencente ao MST, não conseguia captar plenamente a importância dessa prática para os homens e mulheres Sem Terra. Nesse sentido, a minha contribuição será oferecer algumas possibilidades de análises e interpretações sobre a mística.

Na leitura e análise do *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, encontram-se diversas notícias mencionando o *fazer da mística*. Ao escrever sobre o X Encontro Estadual do MST-SC, realizado entre os dias 23 e 26 de janeiro de 1995, D. Vieira fez questão de ressaltar a mística que abriu o evento. Essa mística procurou recuperar alguns momentos da luta pela terra no Estado <sup>252</sup>. Sobre a comemoração dos *17 anos de luta pela terra no Rio*

---

<sup>251</sup> Narração de uma mística apresentada na Assembléia Popular, realizada em Brasília, no ano de 2005. A mística intenta representar os povos excluídos da América Latina (trabalhadores rurais, indígenas e negros), lutando unidos contra as forças opressoras, em prol de sua emancipação. Ver: SOUZA, Rafael B. R. de. Comunicação e Cultura Subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), p. 6. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais do Intercom 2007*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1-13.

<sup>252</sup> VIEIRA, D. Encontro Estadual define as linhas para 95. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, jan/fev de 1995, Ano XIV, Nº 144. p. 5.

*Grande do Sul*, realizado no período de 6 a 8 de setembro de 1996, Ana Justo não se esqueceu de salientar um dos momentos marcantes do evento: *a mística*. Cabe lembrar que aqueles dezessete anos comemorados são em relação à atuação do MST na região, mesmo antes de sua oficialização. A luta pela terra naquele Estado já existia há muito tempo com os posseiros, arrendatários, indígenas, dentre outros grupos. Nesse encontro, a mística estava presente em diversos momentos, de modo que no dia 7 (sábado), “mais de mil participaram do Bailão da Reforma Agrária e assistiram uma mística sobre a situação do Brasil, onde os diferentes setores sociais, que sofrem com a crise, se uniram para curar uma pátria doente e triste pela pobreza de seus cidadãos”<sup>253</sup>. O momento de realização da mística era muito impactante e marcava as atividades em que os integrantes do Movimento se reuniam.

No ano de 1999, o *Jornal Sem Terra*, em uma página dedicada a falar sobre as notícias de Santa Catarina, publicou alguns eventos que vinham marcando os *14 anos de lutas e conquistas dos sem-terra* naquele Estado. Em vários pontos do Estado, houve homenagens e festas. Em Abelardo Cruz, o dia 25 de maio foi especial, pois no ano de 1985, na comunidade Santa Rita, na Ponte Alta sobre o Rio Chapecó, ocorreu uma grande ocupação com mais de duas mil famílias, marcando a história do MST na região. Para comemorar, os assentados, na manhã do dia 28, fizeram uma mística, lembrando o “episódio ‘Fogo na Ponte’, quando na grande ocupação os pistoleiros incendiaram a Ponte Alta e as mulheres sem terra desceram dos caminhões e apagaram o fogo”. É descrito que nessa mística “os participantes se emocionaram ao refazer a travessia da ponte”<sup>254</sup>, a qual se tornou um símbolo de conquistas no MST, pelo menos no Estado de Santa Catarina. Sobre esse prisma, é possível notar que a prática da mística, por vezes, sempre estava ligada à história de um grupo ou do próprio Movimento.

Nesse mesmo ano, em Santa Catarina, foi comemorado o aniversário do assentamento *30 de Outubro*, que teve sua área ocupada em 1987. Diversos integrantes do MST, de distintos assentamentos e acampamentos da região, foram para a comemoração. Como em todas as atividades do Movimento era preciso uma *dose de mística*. Essa comemoração foi marcada com muitas apresentações de mística, lembrando a ocupação e formação do assentamento. Conforme a matéria escrita,

---

<sup>253</sup> JUSTO, Ana. 17 anos de luta pela terra no Rio Grande do Sul. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, setembro de 1996, Ano XV, Nº 162. p. 15.

<sup>254</sup> Santa Catarina – 14 anos de lutas e conquistas dos sem terra. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, junho de 1999, Ano XVII, Nº 190. p. 8.

A mística envolveu todos, ao lembrar a ocupação e o assentamento. Dentro de uma enorme bandeira – metade do Brasil, metade do Movimento -, estavam conquistas do assentamento. Ao abrir a bandeira, a emoção tomou conta dos presentes. Ali, nos braços das pessoas, estavam os símbolos da luta, saúde, educação, moradia, formação e produção. O futuro foi representado por uma criança e pela pomba da paz<sup>255</sup>.

Essa pequena narração de uma mística evidencia, novamente, que a mística foi desenvolvida em torno da memória e história do grupo que participou da ocupação e construção do assentamento *30 de Outubro*. Lembrar o passado é uma prática constante na organização do MST, objetivando reforçar a identidade construída com as lutas<sup>256</sup>. A dimensão da emoção também ficou destacada, haja vista que a mística sem emoção ficaria vazia, não produziria efeitos entre os sujeitos. A questão simbólica, afirmando a conquista da terra e por aquilo que o movimento também lutava como moradia, educação, saúde e produção, se fazia presente. Muitas dessas questões serão discutidas adiante, porém, já se tem evidências de que o *fazer* da mística não é estático. Ele é dinâmico e repleto de intencionalidades.

Poderia enumerar uma infinidade de momentos de mística, em diversos locais, com as mais distintas formas de desenvolvimento. A mística no MST acontece de diversas maneiras e com sentidos variados. Ela geralmente é praticada em forma de teatro, contendo músicas, poesias e outros elementos simbólicos em seu interior. Sendo uma prática, há por parte do Movimento algumas orientações básicas, ou, orientações metodológicas para como a mística deve ser desenvolvida.

Em diversas ocasiões e espaços em que se realiza a mística, existe sempre um grupo responsável para construir e desenvolver tal prática. Este grupo é chamado de *Equipe de Mística*. Assim, essa equipe previamente pensa e executa a mística. Nos materiais publicados, fica visível a preocupação com o preparo e desenvolvimento dos momentos de mística. De acordo com Ademar Bogo, a mística deve ser muito bem preparada antes de cada celebração, pois, “nem sempre a espontaneidade produz os efeitos esperados”<sup>257</sup>. Desta forma, é possível perceber que sendo uma prática relevante para o MST, há o intento de que ela seja estrategicamente preparada, caso contrário não produziria os *efeitos esperados*. Nesse caso, o

---

<sup>255</sup> Santa Catarina – Onze anos do Assentamento 30 de Outubro. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, novembro de 1999, Ano XVIII, Nº 195. p. 8.

<sup>256</sup> No quarto capítulo, analiso a mística como uma prática relevante na construção da *memória histórica* do MST.

<sup>257</sup> BOGO, Ademar. Como Melhorar Nossa Mística. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. São Paulo, março de 1998. p. 17.

autor sugere que se crie *equipes de místicas*, que se dediquem a estudar e a preparar a mística nas diversas atividades com os grupos.

Nos materiais analisados, referentes à mística, constatei que havia também ideias hierárquicas diante da preparação e desenvolvimento da mística. Para que tudo desse certo e que a prática tivesse êxito, o Movimento elucidava que a mística “deveria ser tarefa para dirigentes desenvolverem”. Esse aspecto ficou manifesto também nas considerações de Bogo. Ao mencionar que a mística deveria ser bem preparada, necessitando que os sujeitos dedicassem tempo a isso, o autor não titubeia em dizer que “mística é tarefa para dirigentes desenvolverem, pois pela lógica são os dirigentes que possuem esta visão do futuro claramente e vivem esta esperança com maior intensidade”<sup>258</sup>.

Sobre esta afirmação, de que mística seria tarefa para dirigentes desenvolverem, pois eram *mais avançados* politicamente e viviam a *esperança de um mundo melhor com mais intensidade*, talvez haja dúvidas, uma vez que não seria apenas por isso que eles deveriam desenvolver a mística. Esta questão é complexa e dependendo das interpretações, corre-se o risco de reproduzir os mesmos discursos do Movimento. Parece que Bogo estava preocupado em salientar que os dirigentes *teoricamente* conheciam mais os projetos políticos e ideológicos do MST. Deste modo, ao prepararem a mística, saberiam desenvolvê-la de acordo com aquilo que o Movimento desejasse, também repudiando o que não queria para sua organização. Tendo eles (os dirigentes) a responsabilidade de prepararem estrategicamente tal prática, o Movimento não corria o risco de ser representado de forma contrária ao que convinha à sua organização.

Mas aqui cabem as indagações: o que é o MST? Uma organização pura e exclusiva? Se os dirigentes são privilegiados no desenvolvimento da mística, o distanciamento entre base (massa) e a direção não estaria ainda mais edificado? O que significam *eles* e *nós* para o Movimento? Onde está a força do MST em seus mais de vinte e seis anos? Nos militantes e dirigentes somente ou no todo coletivo? Diante dessas indagações, o que importa ressaltar no momento, para não cair no equívoco de reproduzir alguns discursos unilaterais, é que o MST se configura como um movimento social composto por uma *diversidade de sujeitos*, que mesmo sendo heterogêneos, grande parte intenta construir uma coletividade. Também que o Movimento não é figurado somente nos dirigentes e militantes. Ele é e foi sendo constituído por milhares de homens e mulheres que participaram historicamente das suas lutas,

---

<sup>258</sup> BOGO, Ademar. Como Melhorar Nossa Mística. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. p. 19.

independente de serem *militantes*, *dirigentes* ou *massa*, e vivem em seus inúmeros acampamentos e assentamentos espalhados por todo território brasileiro.

Agora, voltando aos discursos de Bogo quanto à assertiva de que os dirigentes *visualizam o futuro mais claramente e vivem a esperança com mais intensidade*, não sei se isso é de todo legítimo. Os dirigentes podem até visualizar mais claramente o futuro que o MST deseja, uma vez que nem sempre a visão de futuro dos *sujeitos comuns* que integram o Movimento são as mesmas da sua organização <sup>259</sup>. A *massa*, como são chamados os sujeitos comuns no MST, por vezes tem visões de futuro distintas daquelas que o Movimento traça para seus integrantes. Observei isso nas pesquisas de campo, percorrendo acampamentos e assentamentos do Movimento.

Em relação aos dirigentes, *viver a esperança com mais intensidade*, também acredito que isso não seja de todo verídico. Será que os sujeitos comuns da organização não vivem a esperança de uma vida digna, de uma sociedade melhor também com intensidade? Será que viver anos em um barraco de lona, às margens de estradas, sem as mínimas condições dignas de viverem, não se torna uma evidência clara de viver uma *esperança com intensidade*? Essa hierarquia de *visões claras de futuro* e de *viver esperança com mais intensidade* entre dirigentes e massa no MST se torna cerceada de fragilidades, e que não pode ser encarada como algo único e verdadeiro.

Nessa mesma publicação, havia por parte do autor a preocupação em minimizar a hierarquia no MST por meio da mística, no que tange a *dirigentes* e *massas*. Em sua visão, não se poderia acreditar que existe “uma mística para dirigentes e outra para a massa” <sup>260</sup>. A diferença que poderia existir é sobre os conteúdos relacionados às apresentações. Cristiani B. da Silva, em sua pesquisa, observou esse fato. Na análise sobre o texto de Bogo, constatou que havia uma preocupação em revisar alguns elementos referentes à mística descritos nos anos de 1980 e início da década seguinte. Entretanto, para Silva, o que mudou foi o tom da linguagem, não a substância do discurso <sup>261</sup>. Os discursos hierárquicos sobre essa prática ainda eram presentes. Só houve um pouco mais de cuidado para negá-los. Assim, é possível perceber uma pequena, mas significativa mudança no discurso relacionado à mística, fato esse que advém das próprias mudanças e experiências do Movimento no tempo.

---

<sup>259</sup> Ao fazer essa inferência não estou negando que a organização do MST seja composta também por sujeitos comuns. Muitos dirigentes, por mais difícil que seja, vivem nos assentamentos trabalhando sua terra e não abrindo mão de tudo o que edificou sua luta: o próprio exemplo de trabalhar e permanecer na terra conquistada.

<sup>260</sup> BOGO, Ademar. Como Melhorar Nossa Mística. In: MST- Caderno de Formação Nº 27. p. 17.

<sup>261</sup> SILVA, C. B. da., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 140.

Já que discuti algumas questões sobre a hierarquia no fazer da mística, apontando as ideias da organização do Movimento, por meio de suas *vozes autorizadas*<sup>262</sup>, havia por parte do MST um direcionamento em relação aos públicos alvos que iriam assistir as mesmas. Nessa ocasião, a hierarquia também ressoava consideravelmente, tendo em vista que a mística e os seus conteúdos eram direcionados às *massas*, aos *militantes* e *dirigentes*. Em *Coleção Saber e Fazer* Nº 2, documento já analisado em alguns momentos no trabalho, são referenciados três momentos distintos em que se poderia fazer a mística, sendo estes com perspectivas e elementos diferentes.

O primeiro momento seria em *manifestações com a massa*. Na visão do MST, a mística teria de ter um direcionamento às melhorias econômicas, já que “a massa tem um sonho que é basicamente econômico, por isso luta e quer melhorias”. Nos *encontros com os militantes*, a mística deveria ser diferenciada das *massas*, pois os militantes também necessitariam de estímulo para continuar lutando. É mencionado que os símbolos precisavam ser utilizados de forma intensa, expressando estímulo e coragem para os militantes. Entretanto, em relação às *massas*, “os militantes querem mais, querem também o reconhecimento e a valorização de seu empenho na realização de tarefas”<sup>263</sup>. Diferentemente das *massas*, o sonho dos militantes iria “além do econômico e atinge a esfera do político, visando uma mudança estratégica”. O terceiro momento seria nos *encontros com os dirigentes*. A mística nesses encontros deveria ser *mais avançada*, pois os dirigentes “como já estão num nível mais avançado, necessitam de uma mística também diferenciada para não fraquejar e continuar lutando”<sup>264</sup>. Nessa perspectiva, pensando a realização de mística entre os dirigentes:

[...] a mística deve ser desenvolvida basicamente em torno da definição estratégica que aproxime o futuro da prática diária. Os dirigentes possuem um sonho econômico que é a melhoria de vida para todos os explorados; um sonho político que é derrotar o inimigo e tirar-lhe todo o poder e, um sonho revolucionário, que é construir sobre os escombros do capitalismo uma sociedade socialista<sup>265</sup>.

---

<sup>262</sup> Utilizo a expressão *vozes autorizadas* para fazer referência aos sujeitos que fazem parte da direção do Movimento, e que por vezes, são autorizados para falar em nome de sua organização. Ao utilizá-la não quero reduzir a importância histórica de seus sujeitos. Apropriei-me dessa expressão a partir das reflexões da pesquisadora Cristiani Bereta da Silva.

<sup>263</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. São Paulo, abril de 1991. p. 6.

<sup>264</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. p. 7.

<sup>265</sup> MST – Coleção Saber e Fazer Nº 2. *A Questão da Mística no MST*. p. 8.

Sobre os trechos dessa fonte, mais uma vez salienta-se que a mística vinha sendo pensada na perspectiva hierarquizada do MST. Ou seja, no sentido de que os momentos de mística deveriam ser preparados em torno dos *mais avançados e menos avançados*, dos *mais conscientes e menos conscientes*. Alguns pesquisadores, como é o caso da geógrafa Rosemeire Ap. de Almeida, podem até não compreender a mística como uma *relação hierarquizada*, mas sim o modo como ela é interpretada em alguns momentos dentro do Movimento, ou que há apenas algumas diferenças nos conteúdos expressos na mística <sup>266</sup>. Contudo, parece-me mais salutar compreendê-la na perspectiva da historiadora Maria Celma Borges, que salienta que se não houvesse relação hierarquizada na mística, não seria necessário, “por parte da organização, a existência de sentidos diferenciados quanto à forma como deve ser desenvolvida” <sup>267</sup>. Para tanto, quando se trata da relação *massa, militantes e dirigentes*, refletindo sobre o que foi exposto acima, é possível notar que havia até uma hierarquização nos sonhos e utopias dentro do Movimento, no sentido de que os sonhos da *massa* se restringem apenas ao aspecto econômico.

Não é possível afirmar que os sujeitos comuns, ou a massa, possuem sonhos apenas ligados a fatores econômicos. Prefiro ficar na contramão deste pensamento, à medida que ele limitava a capacidade das pessoas sonharem, e isso parece uma ideia desprovida de sentido. Sobre isso, Borges levanta algumas problematizações:

A respeito dessas observações, percebo a imposição de uma hierarquia de sonhos e de utopias, de uma sobreposição de saberes para se pensar a mística e a sua realização. Tal questão leva-me a pensar, ainda, quando se trata das dimensões e sentido da terra, objeto central desta pesquisa, se a terra exprimiria para os acampados e assentados somente a dimensão econômica, ou se também poderia propiciar a retomada de valores culturais, políticos, sociais, os quais, em vista da constante situação de desenraizamento, foram costumeiramente usurpados de grande parte dos homens e mulheres pobres em todo o território brasileiro, bem como pelos campos do Pontal. Assim, ao buscar explicitar os sonhos da ‘massa’ pela dimensão exclusiva do fator econômico, não se estaria incorrendo na negação de saberes que não se resumem, necessariamente, ao mundo da mercadoria? Se a mística traz consigo a dimensão humana, a possibilidade de aproximar o sonho, sonhar-se-ia em relação a terra somente pelo sinônimo exclusivo das conquistas econômicas? <sup>268</sup>.

Voltando à questão de como a mística poderia ser desenvolvida, ela era sempre preparada em torno de uma temática, ou seja, em torno de algo que o Movimento queria

---

<sup>266</sup> ALMEIDA, R. Ap. de., *(Re) criação do campesinato, identidade e distinção*, p. 180-188.

<sup>267</sup> BORGES, M. C., *De pobres da terra ao Movimento Sem Terra*, p. 330.

<sup>268</sup> BORGES, M. C., *De pobres da terra ao Movimento Sem Terra*, p. 332.

trabalhar com os sujeitos. Esse fato é muito importante para compreender a mística no sentido de que as apresentações não estavam desconfiguradas do tempo, da realidade de um grupo específico, ou do próprio Movimento. São claras as orientações, por parte do MST, de que as místicas necessitavam estar conectadas com o lugar e o grupo para qual iriam ser apresentadas. Neste caso, poderia citar inúmeros exemplos, porém, escolhi dois trechos das palavras de Ademar Bogo que elucidam a preocupação com a forma de se fazer a mística.

*A mística da ocupação é diferente da mística do assentamento.* O primeiro se organiza para a ação, o segundo para a passividade. Para fazer o acampamento, todos os sem terra se envolvem de uma forma ou de outra; para funcionar um assentamento e uma cooperativa, dependendo do sistema que se adota, só as lideranças se envolvem e, por isso, a grande massa que impulsiona a transformação do latifúndio em terra repartida adormece à espera de que os dirigentes desenhem seus sonhos <sup>269</sup> (Sublinhado meu).

*A mística dos cuidados e da segurança* deve ser desenvolvida no sentido de fazer com que a militância tenha mais uma preocupação em preservar-se. As encenações nos encontros devem representar cenas reais de interrogatórios, infiltrações, prisões e todas as formas de repressão utilizadas para tentar derrotar nossa organização <sup>270</sup> (Sublinhado meu).

Com esta citação, destacam-se quatro temáticas para se fazer a mística: *acampamento, assentamento, cuidados e segurança*. No entanto, as temáticas são diversas, dependendo do momento, lugar e, principalmente, daquilo que o Movimento quer expressar e representar via mística para os sujeitos. Desta forma, a mística se torna uma prática estrategicamente pensada, cheia de intencionalidades. Nesse caso, por isso que a mesma conquistou tanta importância e se tornou “objeto de cultivo no MST” <sup>271</sup>. As equipes de mística eram orientadas e treinadas para desenvolverem tal prática, com êxito <sup>272</sup>. Existem místicas para toda e qualquer atividade do MST, sejam elas ocupações, atos públicos, passeatas, marchas, encontros festivos, celebrações importantes, entre outras.

Sobre o fazer da mística, ou melhor, a forma com que esta prática necessitava ser desenvolvida, a narrativa da assentada Wilma é bem elucidativa quanto a isso. Antes de viver no assentamento Estrela da Ilha, ao participar da elaboração e preparo de mística em diversas atividades que o MST realizava, enfatiza, por exemplo, que anterior a qualquer reunião ou

---

<sup>269</sup> BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. São Paulo, 2002. p. 82.

<sup>270</sup> BOGO, Ademar. *O Vigor da Mística*. MST – Caderno de Cultura Nº 2. p. 106.

<sup>271</sup> CHAVES, Christine de A. *A Marcha Nacional dos Sem Terra: um estudo sobre a fabricação do social*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. p. 79.

<sup>272</sup> Em diversos Cursos de Formação e de estudos realizados pelo MST, há sempre discussões de como deve ser praticada a mística no Movimento.

assembleia nos acampamentos e assentamentos era preciso fazer a mística. De maneira didática, explícita como desenvolvia e preparava a mística junto aos jovens.

Primeiramente era a mística, antes de começar a reunião nós vamos fazer uma mística, aí eu convocava os jovens, tal dia era o ensaio da mística, o que nós vamos trabalhar? O tema do dia! *Porque uma mística também você não faz de qualquer jeito*, você tem que trabalhar o tema dela, você tem que saber, porque *você tem que passar pra quem tá vendo o significado dela*, não é só você fazer, e aí os meus alunos eles já, dava aquela hora eles já tavam lá, se tivesse que se lambuzar no barro, se tivesse que gritar, se tivesse que, eles faziam, faziam mística com amor<sup>273</sup>.

Wilma se emocionava ao falar da mística, especialmente porque gostava de trabalhar nas equipes responsáveis pelo seu fazer. Era o setor dentro do Movimento no qual mais se sentia útil e realizada. A sua narrativa demonstra a seriedade com que encarava o trabalho com a mística, pois ela não poderia ser feita de “qualquer jeito”. Cada apresentação de mística tinha de ter um *tema*, e os protagonistas teriam a missão de transmitir o seu significado para grupo que estava assistindo. Não era só fazer a mística. Era preciso executá-la tendo um alvo a alcançar, criando representações sobre aquilo que se almejava para o momento. Se não fosse bem preparada e desenvolvida, a mística não produziria os efeitos necessários.

O fato de o Movimento evidenciar o cuidado com as temáticas desenvolvidas na mística revela que os seus coordenadores e dirigentes têm conhecimento que as apresentações desconfiguradas do contexto dos sujeitos não produzem efeitos entre os mesmos. Isto é, os sujeitos precisam se reconhecer e serem reconhecidos na mística, caso contrário, isso não teria sentido para suas vidas. E, se as apresentações de mística não tiverem sentido e valor para a vida dos sujeitos, deixa de ser uma prática eficaz no interior do Movimento.

Dentre os elementos que compõem o fazer da mística, como já foi destacado, estão sempre presentes as músicas, poesias e variados símbolos. Muitas pessoas que assistem a uma mística, até pesquisadores que se remetem a ela, a observa somente como uma *encenação teatral*. Ou melhor, unicamente na forma com que é conduzida, não prestando atenção nos mais variados elementos em seu interior, que, por sinal, expressam uma riqueza considerável de sentidos, ressoando diversas questões relacionadas àquilo que o MST vem construindo ao longo do tempo, bem como às suas visões de mundo, concepções políticas e ideológicas. Pesquisando a mística no MST, compreendo que essa prática é reveladora de significados e não somente uma encenação teatral.

---

<sup>273</sup> Wilma. Entrevista realizada por Fabiano Coelho. Assentamento Estrela da Ilha, Ilha Solteira - SP, 06/08/2009.

Ao mencionar a riqueza de significados que o estudo da mística pode oferecer ao pesquisador em relação ao MST, sublinho o avanço significativo das pesquisas acerca dos movimentos sociais e suas práticas internas, especialmente no âmbito das *Ciências Humanas*. Na área da História, os seus profissionais, através de visões interdisciplinares, têm se esforçado para compreender os movimentos sociais não apenas como uma luta de classes, ou puramente analisá-los por um viés economicista e político. Outras dimensões também estão sendo alocadas nos estudos, valorizando as subjetividades, as práticas e as representações dos grupos.

Ilse Scherer-Warren, descrevendo sobre a teoria dos movimentos sociais, salienta que tradicionalmente nos estudos sobre os movimentos sociais rurais na América Latina, por vezes, prevaleceram as abordagens clássicas marxistas e leninistas<sup>274</sup>. Essas visões centravam seus trabalhos na explicação dos condicionantes econômico-estruturais das ações coletivas dos movimentos. Assim, havia certa homogeneização dos sujeitos, criando uma provável ilusão de homogeneidade dos movimentos e conseqüentemente dos sujeitos, que os integravam.

Segundo Scherer-Warren, houve um redimensionamento de olhar dos pesquisadores em relação aos movimentos sociais, principalmente a partir de 1970. Rompendo em parte com visões tradicionais, que analisavam os movimentos sociais apenas por uma abordagem macro-estrutural, baseada no caráter da luta de classes, outras dimensões na luta social passariam a ser valorizadas<sup>275</sup>. Não pretendo dizer que os estudos que haviam sido realizados antes de 1970 não tenham sido significativos para compreender algumas facetas de determinados grupos. Entretanto, é preciso destacar que existem outras abordagens que ajudam na melhor compreensão dos sujeitos e de suas ações coletivas. As análises essencialmente econômicas e políticas são relevantes para a compreensão dos movimentos sociais, mas é preciso ter clareza que existem outras questões que permeiam a vida e experiências dos indivíduos. A economia e a política podem estar em tudo, mas por vezes essas dimensões, em se tratando de seres humanos, não explicam tudo.

Surgiram novos temas e enfoques sobre os movimentos sociais latinos americanos. Esse fato auxiliou na melhor compreensão das formas de se movimentar dos grupos e nas ações coletivas dos indivíduos, procurando o entendimento de seus significados políticos e culturais. Multiplicaram os olhares sobre os movimentos sociais. Os pesquisadores não

---

<sup>274</sup> SCHERER-WARREN, I., A atualidade dos movimentos sociais rurais na nova ordem mundial. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José M. C. (Orgs.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo*. p. 246.

<sup>275</sup> SCHERER-WARREN, I., *Redes de Movimentos Sociais*, p. 17-18.

apenas passaram a ignorar os embates de classe nas ações dos grupos, mas passaram a considerar em suas pesquisas que há outras dimensões além desta compondo a vida dos sujeitos, e que de forma consciente ou inconsciente auxiliam nas lutas. Em síntese, os pesquisadores passaram a valorizar as práticas e representações internas no interior dos movimentos sociais.

Na superação da ideia de homogeneidade dos movimentos sociais rurais, diversos pesquisadores tiveram a sensibilidade para perceber as distintas formas de organização e de lutas destes grupos. Refletindo, assim, sobre o enriquecimento das abordagens teóricas acerca dos movimentos sociais rurais, cabe ao pesquisador ter cuidado e discernimento, no sentido de compreender que os grupos não são homogêneos. Torna-se necessário aprofundar a compreensão de suas particularidades, a fim de evitar simplificações e interpretações generalizantes. Isso não quer dizer que esses movimentos não tenham semelhanças, muito pelo contrário, eles possuem aspectos em comum, quem sabe até ideários e estratégias de luta e organização parecidas. Contudo, são distintos, requerendo ao pesquisador atenção e cuidado para evitar interpretações equivocadas.

Conforme as discussões de Scherer-Warren, as novas abordagens nos estudos sobre os movimentos sociais rurais buscaram compreender “o mundo da cultura, as relações sociais do cotidiano e as identidades coletivas específicas de cada movimento”<sup>276</sup>. Particularmente ao MST, existem vários trabalhos significativos que tratam diversas dimensões deste movimento social, como os estudos de gênero, da religiosidade dos sujeitos, da preocupação com a educação e também estudos enfocando as práticas culturais que acontecem no interior dos acampamentos e assentamentos vinculados ao Movimento.

No âmbito da disciplina histórica, mais especificamente em relação aos pesquisadores que labutam sobre a chamada *história cultural*, os movimentos sociais têm sido relevantes objetos de investigações, já que carregam, em suas práticas, uma infinidade de representações, simbologias e visões de mundo. A historiadora Sandra Jatahy Pesavento, em sua obra *História & História Cultural*, chama atenção para este fato, usando como exemplo a riqueza simbólica e a capacidade de mobilização política que o MST vem construindo ao longo de seus mais de vinte anos. Sobre os movimentos sociais enquanto campo de investigação

---

<sup>276</sup> SCHERER-WARREN, I., A atualidade dos movimentos sociais rurais na nova ordem mundial. In: SCHERER-WARREN, Ilse; FERREIRA, José M. C. (Orgs.). *Transformações sociais e dilemas da globalização: um diálogo*, p. 246.

histórica, diz que “estes correspondem a uma espécie de laboratórios, ao vivo, de construção e aplicabilidade das representações sociais que se apresentam aos olhos do historiador”<sup>277</sup>.

Nesta perspectiva, enfatizando o avanço das pesquisas sobre os movimentos sociais, é que acredito que o estudo da mística, de suas formas de se manifestar e dos diversos elementos que a compõem, pode revelar significados profícuos rumo ao entendimento cada vez mais profundo do MST. Deste modo, posso dizer que a prática da mística está vinculada às visões de mundo, objetivos, projetos políticos, econômicos e ideológicos que vêm marcando a história do Movimento. Ou seja, através do estudo da mística, não se está abrindo mão de atentar para o político, o econômico, o social, o ideológico no MST, pois, por meio dela, são expressos muitos significados, sobre diversificadas áreas. A seguir, tentarei compreender alguns dos elementos presentes nas apresentações da mística, enfocando o seu interior.

### 3.3. O teatro, as canções e poesias, e os símbolos

Ao analisar os materiais publicados pelo MST, notei que o teatro é uma forma muito utilizada entre as práticas do Movimento. Em diversas publicações, há orientações para que os sujeitos durante a mística dramatizem suas vidas, encenem as suas realidades e também os momentos que podem vir a passar por meio das lutas. No mês de julho de 1995, o MST lançou um material chamado *O Brilho que Faz a Luta – A educação por meio do teatro popular*. Esse material tinha como objetivo estimular a prática do teatro entre os sujeitos, nos mais variados momentos e espaços. O teatro era visto como um “instrumento pedagógico”, em que os sujeitos deveriam fazer da arte um “instrumento revolucionário”<sup>278</sup>. Sendo as apresentações de mística estruturadas através das dramatizações, o Movimento estimulava que os *pobres da terra* expressassem sua arte, contrariando a ideia de que as artes apenas habitavam nos *salões nobres*, ou nos grandes centros teatrais clássicos. Para tanto, as expressões artísticas, ou a capacidade de sujeitos expressarem por meio das artes, seja ela qual for, está em sua criatividade e habilidade, não em seu poder econômico ou em sua erudição.

Sobre esta questão, Sebastião Leal F. Vargas Netto, ao pesquisar a construção da *mística da resistência* no MST e no Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN)<sup>279</sup>,

---

<sup>277</sup> PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 94.

<sup>278</sup> MST – *O Brilho que Faz a Luta – A educação através do teatro popular*. São Paulo, junho de 1995.

<sup>279</sup> O EZLN é um movimento social camponês que surgiu no território mexicano na década de 1980, especialmente no estado de Chiapas. Os rebeldes mexicanos também lutam por terra, assim como os sem-terra no contexto brasileiro. Entretanto, a diferença maior entre estes dois movimentos sociais é o caráter pacífico e

ressalta que as manifestações artísticas nos movimentos sociais são relevantes para a edificação do que ele chama de “cultura de luta”. Por este olhar:

A arte, então, deve ser encarada como forma privilegiada de expressão, crítica, denúncia, comunicação e partilha. As funções da arte: veículo da mística e da ritualística dos movimentos; a arte simplesmente como celebração que dá sentido a existência com dignidade e gozo: a arte como dimensão do misterioso e do maravilhoso; arte como comunicação e expressão da consciência<sup>280</sup>.

No ofício do historiador, as manifestações artísticas não devem ser analisadas unicamente pelo prisma da *arte pela arte*, mas sim visualizadas como produtora de relações sociais. Desta maneira, a dimensão da arte nas apresentações de mística, além de seu lado lúdico e belo, teria intencionalidades de agir no real, ou seja, nas relações e práticas sociais dos sujeitos. É o que disse Roseli Salette Caldart, utilizando-se das palavras de Néstor García Canclini: uma arte politizada, que visava à transformação social. Por este viés, “o sentido político mais radical da arte socializada é o de produzir, em vez de espectadores, atores críticos; em vez de *catarsis* ou do inconformismo, uma imaginação capaz de tentar ações eficazes”<sup>281</sup>. A arte também possui uma linguagem simbólica muito rica, capaz de revelar as experiências dos sujeitos durante as lutas, em seu cotidiano, bem como junto ao seu grupo. Nesta direção, “a linguagem simbólica da arte, pela sua natureza emocionalizada e pelo descompromisso com uma lógica formal de comunicação, é capaz de revelar com muita riqueza o processo pelo qual os sujeitos vivem e reelaboram sua história cotidiana”<sup>282</sup>.

Compreendendo a dimensão da arte em seu fazer, a mística no MST adquire a conotação de ser também um momento de festa. E, ao ser celebrada, tal prática *emocionaliza a luta*, tornando-a mais humana. Nessa direção, “a festa consiste não só em representar, mas também imaginar como poderia ser de outra maneira; não só conhecer, mas transformar; não só transformar, mas sentir o prazer de estar transformando”<sup>283</sup>. Como manifestação artística, a mística teria a capacidade humana de inventar e imaginar um real diferente. Toda luta social se tornaria uma utopia, um ideal de transformação, o desejo de tornar o real diferente, a

---

não armado do MST em contraste com a ação militarizada dos Zapatistas. Para saber mais, ver: NETTO VARGAS, Sebastião L. F. *A Mística da Resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. 2007. Tese (Doutorado em História). USP, São Paulo.

<sup>280</sup> VARGAS NETTO, S. L. F., *A Mística da Resistência*, p. 319.

<sup>281</sup> CALDART, Roseli S. *Sem Terra Com Poesia*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 136 *apud* CANCLINI, N. G., *A Socialização da Arte*. Teoria e prática na América Latina, 1984, p. 206.

<sup>282</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 147.

<sup>283</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 91 *apud* CANCLINI, N. G., *A Socialização da Arte*. Teoria e prática na América Latina, 1984, p. 34.

capacidade de sonhar que existem outras possibilidades de se viver. O MST, então, como uma organização social, na figura de seus dirigentes, passou a ser um representante que luta por um projeto utópico de sociedade.

No intuito de sustentar um projeto utópico de sociedade, o *ato de imaginar* se torna um dos princípios básicos para se visualizar uma nova realidade. Nas manifestações artísticas do MST, tendo a prática da mística como referência, o uso da imaginação é fundamental, pois através dela se constrói um mundo ideal, em que os trabalhadores e trabalhadoras rurais Sem Terra conquistam enfim uma vida digna e melhor. Sem imaginação, a mística não teria criatividade, e sem criatividade não produziria efeitos. Sobre o ato de imaginar por meio das atividades artísticas, como ponto fundamental na construção de uma nova sociedade, Caldart enfatiza:

Imaginar uma realidade nova é um dos momentos mesmos de sua construção. E a imaginação criadora é exatamente a exigência básica de qualquer processo artístico. E não é só isso. Este ser sujeito de produções artísticas é também aprendizagem importante da capacidade de inventar ações e estratégias coletivas mais eficazes para a transformação da realidade. Enquanto cria formas estéticas, o povo está assumindo seu potencial criativo, está se preparando para recuperar integralmente o seu papel de sujeitos construtor da história<sup>284</sup>.

O teatro, assim, torna-se uma prática eficaz para transmitir mensagens aos sujeitos, sendo um grande facilitador na comunicação entre movimento social e seus integrantes. A mística estruturada em forma de teatro, por esse prisma, poderia ser um excelente momento que o MST utiliza para expressar mensagens e fazer com que os indivíduos reflitam sobre a realidade e as lutas empreendidas. Porém, não se trata de uma peça qualquer. As histórias dramatizadas na mística, por vezes, foram acontecimentos reais, em que a dimensão da *morte* e *vida* se entrecruzam. Sem dúvida, as apresentações de mística são expressões de e da arte no MST. Porém, essa arte é canalizada no sentido de ser mais uma *fonte de resistência* nas lutas.

As manifestações da arte entre os movimentos sociais se configuram como uma *arte revolucionária*, contestadora da realidade social. Por ora, a mística, como dimensão da arte, se apresenta como uma manifestação artística que carrega em sua essência aspectos políticos e ideológicos privilegiados pelo Movimento. Não obstante, falando sobre a mística, o professor Rogério em sua narrativa destacou que há um equívoco em conceber a mística apenas como um teatro. A encenação teatral não é a mística e, sim, um meio muito utilizado para o seu

---

<sup>284</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 138.

fazer. Ao dizer que “a gente usa muito o teatro” (o MST), Rogério elencou que os sujeitos no Movimento gostam de teatro, e que a encenação teatral é um meio relevante de comunicação e, além disso, poderia agregar harmoniosamente a música, a poesia, a dança, enfim, as artes de maneira geral<sup>285</sup>. O fazer da mística na forma de encenação teatral se tornou muito utilizado no MST.

A mística enquanto uma manifestação da arte, e sendo praticada na maioria das vezes por meio do teatro, poderia ser compreendida como uma “linguagem alternativa de comunicação”, como bem enfatizou Bernadete Castro Oliveira<sup>286</sup>. Diante das dificuldades e repressões, a mística representaria as situações cotidianas dos trabalhadores e trabalhadoras, assim como seus valores e sua própria existência dentro do Movimento. Ela seria uma outra “forma de se comunicar” e de “criar um espaço simbólico” que contribuiria com as ações dos sujeitos. De forma semelhante, outros pesquisadores, ao discutirem a mística na organização do Movimento, enveredaram suas reflexões para essa direção. O pesquisador Rafael B. R. Souza compreendeu a mística como uma “ação comunicativa” entre os integrantes do MST<sup>287</sup>. Samuel R. da Silva estudou a mística enquanto um “veículo de comunicação” e uma “forma de linguagem” no Movimento. Ao buscar compreender as formas de comunicação e linguagens nas atividades educativas de Jovens e Adultos (EJA) do MST, particularmente no Planalto Central Catarinense, Silva observou que a mística desenvolvida e incentivada pelo Movimento se processava naquele espaço como o principal *veículo de comunicação* entre os sujeitos<sup>288</sup>. Sua prática tinha eficácia considerável junto aos homens e mulheres do campo.

Quando destaquei que o teatro é muito utilizado, não digo que é só por meio dele que as apresentações de mística são realizadas. Muito pelo contrário, a mística no Movimento pode acontecer de diversas formas, com os mais variados elementos, dependendo do lugar e da situação. Tive este entendimento não apenas lendo as fontes sobre a mística no Movimento, mas quando fiz as pesquisas de campo no acampamento Madre Cristina, ainda no tempo da Graduação. Eis que agora conto essa experiência que me auxiliou muito a refletir sobre essa prática.

---

<sup>285</sup> Rogério. Entrevista realizada por Maria Celma Borges. Assentamento São Bento, setor II. Pontal do Paranapanema – SP, 04/05/2002.

<sup>286</sup> OLIVEIRA, Bernadete C. Tempo de travessia, tempo de recriação: os camponeses na caminhada, p. 259. In: *Estudos Avançados*, 15 (43), 2001.

<sup>287</sup> SOUZA, Rafael B. R. de. Comunicação e Cultura Subalterna: o papel da mística no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. *Anais do Intercom 2007*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007. p. 1-13.

<sup>288</sup> SILVA, Samuel R. da. *Movimento, Comunicação e Linguagem na Educação de Jovens e Adultos do MST*. 2003. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Entre as diversas idas e vindas no acampamento referido, a fim de conversar com os homens e mulheres que viviam naquele espaço, e buscar compreender minimamente como se configurava o tempo de acampar, tive uma surpresa agradável para minha pesquisa, pois presenciei a realização de uma *mística espontânea* pelos sujeitos. Quando falo *mística espontânea* é porque não estava planejada e pude compreender isso só depois. Era um dia de reunião entre as lideranças do acampamento, ocasião em que costumavam discutir questões rotineiras e novidades do acampamento e mais especificamente sobre a desapropriação da fazenda pela qual estavam lutando. Essas reuniões tinham uma importância muito grande, já que os sujeitos responsáveis em coordenar algumas atividades podiam expressar os êxitos e dificuldades no trabalho.

Cheguei ao grupo e pedi licença para acompanhar a reunião. A aceitação foi imediata, porém, por parte de alguns haviam olhares desconfiados em relação ao *estranho* que estava ali. Conversa vai e conversa vem, a reunião propriamente dita não começava. Já estava achando que os sujeitos não queriam começar a reunião comigo. Pois bem! Para minha surpresa, estávamos sentados em círculo, debaixo de um barracão feito de lona preta, quando, de repente, o seu Biroli veio das margens da rodovia carregando uma bandeira do MST em seus braços até chegar ao centro do círculo e fincá-la ao chão. Num primeiro instante, não entendi o real sentido do momento. Depois que Biroli sentou junto a nós e disse: “agora podemos começar a reunião”, aí que comecei a captar alguns sentidos de tudo o que estava acontecendo.

Aquele momento de espera, até o seu Biroli vir e fincar a bandeira do MST no centro do círculo em que estávamos sentados, *era uma mística*. Simples! Não contava com muitos elementos, contudo foi impactante. Essa interpretação foi a partir do momento em que olhei a face de cada um presente. Os olhos dos participantes simbolizavam a mesma fala de Biroli: “agora podemos começar a reunião”. Parecia que sem a bandeira do MST a reunião não teria sentido ou validade. A bandeira ao centro do círculo remetia ao significado de que tudo que seria dito ali teria de ser pensado no coletivo, tendo como cerne de tudo o Movimento. Para um estranho, aquilo não tinha muito significado, entretanto para os sujeitos pertencentes ao MST, a bandeira era a síntese e expressão da luta que estavam empreendendo há anos. Aquele pequeno e significativo gesto de pegar a bandeira, carregá-la às margens da rodovia, e fincá-la, ao centro dos sujeitos que esperavam pela reunião, era o fazer de uma mística.

No desenvolvimento da mística, outros elementos relevantes em seu interior são as músicas e poesias. Seja no início, no meio ou no fim, as canções e o recitar de poesias são constantes nas apresentações de mística. Os compositores utilizados podem ser os integrantes

do Movimento ou não, desde que os conteúdos expressos nas produções artísticas sejam referentes à luta social e tenham sentidos relevantes para o contexto que os sujeitos vivenciam. Sobre as letras das canções e poesias, não conseguiria enunciar a quantidade e diversidade das mesmas. Porém, devido ao próprio investimento do MST em sistematizar suas canções e poesias, existem algumas produções que são quase que obrigatórias na mística<sup>289</sup>.

Sendo assim, as canções e poesias também são escolhidas com cuidado. Suas letras e significados devem contemplar a temática que está sendo desenvolvida na mística. Para isso, as equipes de mística necessitam estar atentas e previamente preparadas. Todavia, uma canção que obrigatoriamente deve ser tocada ao final da mística é o hino do MST. Nesse caso, destaco a canção mais cantada e tocada pelos integrantes do Movimento:

Vem teçamos a nossa liberdade  
braços fortes que rasgam o chão  
sob a sombra de nossa valentia  
desfraldemos a nossa rebeldia  
e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos punho erguido  
Nossa força nos leva a edificar  
Nossa pátria livre e forte  
Construída pelo poder popular

Braço erguido ditemos nossa história  
sufocando com força os opressores  
hasteemos a bandeira colorida  
despertemos esta pátria adormecida  
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Nossa força resgatada pela chama  
da esperança no triunfo que virá  
forjaremos desta luta com certeza  
pátria livre operária camponesa  
nossa estrela enfim triunfará!

O hino oficial do MST foi composto por Ademar Bogo, considerado também um poeta no Movimento. O processo de escolha do hino teve um caráter bem democrático, no qual os sujeitos interessados em compô-lo, mediante seus estados, enviaram as propostas para a Secretaria Nacional do Movimento que, posteriormente, devolvia com sugestões aos

---

<sup>289</sup> Uma das evidências em relação ao investimento do MST na produção musical está na construção do seu CD, chamado *Arte em Movimento*. As músicas desse disco são algumas das canções cantadas pelo Movimento durante toda sua trajetória. As canções foram interpretadas pelos seus próprios integrantes e por diversos artistas que apoiam e se simpatizam com a luta do MST, como é o caso das cantoras Leci Brandão e Beth Carvalho.

proponentes. Esse fato demonstra a preocupação do MST logo em seus primeiros anos para criar uma canção que sintetizasse suas lutas e unisse todos seus integrantes em uma só voz. O hino citado foi escolhido em 1989, no transcorrer de um Encontro Nacional, no município de Nova Veneza – SP. Após a escolha da letra vencedora, o maestro Willy de Oliveira, da orquestra da Universidade de São Paulo (USP) aceitou o desafio de musicar e criar uma melodia sobre a letra, expressando com notas as pejejas, as utopias e os objetivos do MST.

Com uma melodia progressiva, visando o *trunfo que virá*, a letra do hino expressa e sintetiza muitas ideias e objetivos que o Movimento vem cultivando ao longo do tempo. A questão de colocar os sujeitos como agentes de sua própria história fica bem evidente, pois eles devem *ditar sua própria história, despertando a pátria que está adormecida. A rebeldia* contra o sistema opressor deve ser algo eminente nos sujeitos, à medida que os mesmos de *punho erguido* devem lutar por uma *pátria livre e forte*, construída por um *poder popular*, em contraposição aos governos elitistas que predominaram na história brasileira. Os punhos erguidos, sinônimo de rebeldia, também remetem à utopia socialista, em que novos valores e relações sociais e produtivas possam ser edificados. No hino do MST, também se configura como interessante o fato de expressar a dimensão da *pátria livre operária camponesa*. Ou seja, sobre esta assertiva, enfatiza que a transformação real e plena, nos mais variados âmbitos, só vai acontecer quando *os operários e camponeses* se unirem, fazendo com que a estrela de ambos triunfe.

Poderia analisar outros assuntos inerentes ao hino do MST, também sobre as músicas que são constantes na mística. No entanto, chamei atenção apenas para alguns aspectos de sua letra no intuito de demonstrar que as canções e poesias são dotadas de significados e sentidos. Atentei para o hino do Movimento pelo fato dele ser cantado sempre ao final das apresentações de mística, como se fosse parte integrante dela. Trabalhando com a *história do tempo presente*, ou com um tipo de história mais contemporânea, tive a oportunidade de assistir a diversas apresentações de mística e de observar os sujeitos cantando o hino do MST. É fantástico! Ou melhor, é de arrepiar! Ao erguerem suas vozes, parece que os homens e mulheres incorporam a letra e melodia da canção. No refrão, com os *punhos erguidos*, em sinal de desobediência e compromisso com as causas sociais, suas veias crescem, quase querendo sair dos seus corpos.

Em fins da década de 1980, a pesquisadora Roseli Salete Caldart construiu um trabalho muito significativo em relação à produção poética (músicas, poesias, orações etc.) no MST. A autora observou que a poesia e o canto tiveram presença muito forte em todos os momentos de luta do Movimento. Em todas as manifestações, festas, assembleias e

comemorações, o ato de recitar poesias e entoar canções sempre foi marcante, animando a luta dos sujeitos <sup>290</sup>. Sob esta ótica, pensando na prática da mística, as *expressões culturais* não podem ser consideradas ingenuamente como apêndice ou uma diversão na luta pela terra, muito pelo contrário, o canto e a poesia são partes integrantes das práticas que circundam as lutas do MST.

Aproveitando o momento, cito uma poesia bem significativa que circulou no *Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* no ano de 1993, em que avalia os *avanços e desafios* da organização do Movimento. O autor se chama Ivo D’Avila, e o título do poema é: *Problemas: avanços e desafios*:

Se olharmos este ano,  
Os problemas foram vários  
Tortura, perseguições e calúnia  
Que nem saíram em noticiários  
Surgiu mais um inimigo  
O Poder Judiciário

Escutam só um lado  
A posição foi bem firme  
Atuou com o Latifúndio  
Em conchavo com o Regime  
E companheiros condenados  
Sem ter cometido crime

Mas mesmo com tudo isso,  
Não fomos pra retaguarda.  
Empunhamos nossa bandeira  
As terras foram ocupadas  
Aumentamos os assentamentos  
Mais áreas foram conquistadas.

Ao conquistarmos mais terras  
Nossa idéia esteve viva  
Aumentamos a produção  
De forma alternativa  
Fortalecemos a proposta  
Com novas cooperativas

Com isso companheirada  
os desafios aumentamos  
as linhas estão tiradas  
prá aquilo que almejamos:  
de ampliar nossa proposta  
no rumo que caminhamos.

Por isso 93,

---

<sup>290</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 9.

Tem coisas prioritárias  
Ocupar mais latifúndio,  
Aumentar a produção primária  
E com toda sociedade  
Conquistar a Reforma Agrária <sup>291</sup>.

Faz parte da política editorial desse jornal publicar na última página das edições poesias e cartas de leitores. A poesia descrita acima foi declamada em um Encontro Estadual do MST em 1992, no transcorrer de uma mística apresentada nesse Encontro. O seu autor provavelmente era integrante do Movimento (há poesias que são declamadas em momentos de mística que não são de autoria dos Sem Terra). O *Jornal* não fornece informações sobre em qual estado brasileiro foi este Encontro, assim ficou complicado a análise das informações, pois provavelmente todos os estados em que o Movimento se fazia presente no ano de 1992, fizeram o seu Encontro Estadual.

Em relação à poesia descrita, declamada em uma mística, nota-se que ela faz um balanço sobre os anos de existência do MST, seus embates, e também acerca da política do Governo, da aliança entre Poder Judiciário e classe dominante, da questão da produção nos assentamentos. Ela também se remete à preparação para o ano seguinte (1993), reafirmando alguns compromissos, ou *coisas prioritárias* dos integrantes do Movimento, como “ocupar mais latifúndios”, “aumentar a produção primária” e “conquistar a Reforma Agrária”. Com a publicação dessa poesia, objetivava-se expressar que os integrantes do Movimento tinham problemas nas lutas, porém o desânimo não poderia prevalecer e era preciso avançar diante dos desafios. Analisando a poesia como um elemento muito valorizado e utilizado na prática da mística, percebo que as produções poéticas são utilizadas de acordo com o que a mística procura dizer e expressar para os sujeitos. Não obstante, as mesmas procuram sempre elencar as concepções ideológicas, os princípios da organização, as experiências de lutas anteriores e visões políticas e de mundo do Movimento. Sendo um elemento quase sempre presente na mística, as poesias, além de ressoarem toda beleza semântica, procuram comunicar, preparar e animar os sujeitos para as peijas no presente e para as que ainda não de vir.

A prática de construir e declamar poesias entre os Sem Terra é muito antiga, desde as primeiras lutas e mobilizações do MST, como bem analisou Caldart. Tendo como objetivo analisar o *sentido pedagógico e político* da produção poética no interior do Movimento, Caldart considera as poesias e cantos expressões e produções culturais. Ela salienta que as produções poéticas no MST são partes constitutivas das experiências vividas pelos sujeitos,

---

<sup>291</sup> D'AVILA, Ivo. Problemas – Avanços e Desafios. *MST- Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. São Paulo, abril de 1993, Ano XII, Nº 124. p. 16.

não sendo apenas reflexos sobre as lutas, mas também elementos direcionados para animar e fortalecer o grupo <sup>292</sup>. No que tange à produção poética, Caldart ressalta que é preciso pensar em seus significados tanto para quem cria, quanto para quem as consome. Desta forma, apreende três funções principais da produção poética no MST.

A primeira função está relacionada com a *animação*. Ou seja, as poesias e cantos no MST têm a função de animar os sujeitos, seja com sátiras, piadas, entre outras. Elas também expressam a alegria de viver e de experimentar a luta. Para tanto, mexem com as emoções e sentimentos, tornando-se um elo privilegiado “de mediação entre o emocional e o racional, entre o indivíduo e o grupo” <sup>293</sup>. A segunda função seria a *pedagógica*. Mesmo animando a luta, a produção poética é construída e reproduzida visando educar politicamente os sujeitos. Os poemas e cantos que circulavam (e circulam) no MST, assim, teriam essa intencionalidade de educar. Eles seriam “elementos auxiliares no processo, longo e vagaroso, de tomada de consciência do que é realmente a luta pela terra ou pela ‘Reforma Agrária’”. Nesse sentido, a produção poética é trabalhada na construção de “uma identidade política de luta” <sup>294</sup>.

A terceira função está pautada no caráter *político*. O aspecto político atravessava toda a produção poética no Movimento, ou seja, nas poesias e canções, o caráter político sempre estava expresso nos versos, mesmo que implicitamente. Assim, o político “está presente na sua função de animação e na sua função pedagógica. É especialmente visível quando se pensa na poética como momento simbólico de um projeto social alternativo, gestação possível dentro do MST” <sup>295</sup>. Nesta direção, as três funções elucidadas constituem em tese a estrutura de sentidos da produção poética no Movimento. Cabe ressaltar aqui que as mesmas não estão dissociadas. Na compreensão da autora:

As três funções apontadas para a poética dentro do MST, função de animação, função pedagógica e função política, fazem parte da estrutura global de sentido que ela tem neste espaço de luta social. Acontecem ao mesmo tempo e se atravessam mutuamente, embora possam ser identificadas na sua especificidade própria <sup>296</sup>.

Em relação às produções musicais e seus significados no MST, a pesquisadora Marivone Piana também vem construindo pesquisas relevantes. A autora chama a atenção para o fato da importância em se estudar as produções musicais, sendo mais um caminho

---

<sup>292</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 12.

<sup>293</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 90.

<sup>294</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 93-4.

<sup>295</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 99.

<sup>296</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra Com Poesia*, p. 100.

profícuo para compreender os movimentos sociais. As canções podem ser elementos reveladores de significados sobre os grupos. Nos textos de Piana, há reflexões expressivas para pensar a música nos movimentos sociais, atentando para o fato de que na mística há a utilização constante de canções, já que elas teriam o poder de *comunicar* e *emocionar* os sujeitos.

Sobre a produção e utilização de músicas no MST, a autora observa que elas se dão “tanto como estratégia de mobilização como em sua proposta de mudança social”. Ao falar de *música em movimento* no Movimento, destaca que as canções também se configuram como uma forma de divulgar suas lutas <sup>297</sup>. Por este viés, os cantos acabam se tornando fontes interessantes para o entendimento sobre as ações do Movimento, explicando suas razões de existência e seus objetivos. Refletindo sobre as músicas, que estão sempre presente na mística e são partes importantes em seu desenvolvimento, Cristiani B. da Silva ressalta que as canções desenvolvidas no e para o MST têm um sentido político-pedagógico <sup>298</sup>. O Movimento se utiliza das canções para transformá-las em manifestações políticas, ao passo que as mesmas mexem com as emoções e possuem o poder de *produzir sentimentos* nos sujeitos.

Quando penso na produção poética, ou melhor, nas músicas e poesias que vêm marcando a história do MST e que são elementos significativos no fazer da mística, não posso deixar de mencionar que os mesmos foram se transformando junto com o Movimento. Piana observou esta questão em suas pesquisas, atentando que as músicas “são expressões simbólicas das transformações e mudanças que vêm ocorrendo no interior do MST” <sup>299</sup>. Sobre isto descreve que:

Isto pode ser observado através da variação das letras e dos ritmos destas músicas no decorrer do processo histórico. Há, também, novos elementos que estão aparecendo como: a relevância dada à dimensão e à diversidade culturais, a questão de gênero, a mística, a educação, a ecologia, as diferentes redes que estão se desenhando, a construção de uma identidade coletiva e outros aspectos da subjetividade <sup>300</sup>.

---

<sup>297</sup> PIANA, Marivone. “Arte em Movimento” no MST: a expressão simbólica das transformações. In: *Movimentos Sociais Rurais: Identidades, Símbolos e Ideais. Cadernos de Pesquisa*, N. 24, novembro de 2000. p. 18-19.

<sup>298</sup> SILVA, C. B., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 138.

<sup>299</sup> PIANA, M., “Arte em Movimento” no MST: a expressão simbólica das transformações. In: *Movimentos Sociais Rurais: Identidades, Símbolos e Ideais. Cadernos de Pesquisa*, N. 24, novembro de 2000. p. 19.

<sup>300</sup> PIANA, M., “Arte em Movimento” no MST: a expressão simbólica das transformações. In: *Movimentos Sociais Rurais: Identidades, Símbolos e Ideais. Cadernos de Pesquisa*, N. 24, novembro de 2000. p. 18.

Em outro texto, Piana salienta que as músicas nos movimentos sociais trazem elementos inerentes à memória coletiva do grupo, carregando em si uma carga simbólica significativa. Desta forma, as canções podem ser utilizadas como recursos eficazes na mística do MST, convertendo os seus conteúdos para organizar mobilizações e protestos, com uma carga simbólica relevante. Para tanto, a música “também transmite imagens e símbolos, provocando emoção, ajudando na interpretação da realidade social, podendo se converter em suporte da ação, especialmente da ação política”<sup>301</sup>. As canções expressam variadas dimensões que envolvem o MST, como também experiências individuais e coletivas de sujeitos que dão vida e *alimentam* as práticas do Movimento.

Ao discutir alguns aspectos que envolvem a prática da mística no MST, sublinho que a questão simbólica está preponderantemente presente nas apresentações. A utilização dos símbolos, especialmente aqueles que se remetem ao Movimento e à sua organização, se torna quase que obrigatória na feitura da mística. O investimento na criação de símbolos que remetesse à luta do MST teve início desde sua criação, de modo que no transcorrer do processo histórico muitos outros símbolos foram incorporados entre suas práticas. Cristiani B. da Silva, ao fazer reflexões sobre a mística, comenta brevemente sobre as mudanças ocorridas nesta prática, principalmente, quanto à incorporação de novos símbolos e elementos representativos que fazem parte do universo do MST. Em suas palavras:

Se, no início da década de 1980, a bíblia e/ou a cruz bastavam para a prática da mística em suas celebrações de vitória, ou de reafirmação da fé em continuar a luta. A partir de 1985, outros elementos passam a compor suas práticas, a bíblia, cruz e enxada unem-se à bandeira do movimento, imagens e representações de outras lutas socialistas, canções e poesias produzidas no e para o MST<sup>302</sup>.

A prática da mística também tem sua historicidade, de modo que seus elementos e formas de serem desenvolvidas também foram se modificando ao longo do tempo. Muitos símbolos foram incorporados, outros nem são mais utilizados. Sobre isso, reflito pautado nas palavras de Silva, pois em seus primeiros anos, devido à sua ligação estreita com os agentes *religiosos progressistas*, especialmente os integrantes da CPT, o Movimento utilizava diversos símbolos religiosos em sua mística. Junto com os instrumentos de trabalho, a bíblia, a cruz e as imagens de santos e santas religiosas ganhavam destaque nas apresentações de

---

<sup>301</sup> PIANA, M., Música e movimentos sociais: perspectivas iniciais de análise. In: *Anais do II Seminário Nacional “Movimentos Sociais, Participação e Democracia*. 2007, UFSC, Florianópolis. ISSN 1982-4602. p. 503.

<sup>302</sup> SILVA, C. B., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 137.

mística desenvolvidas pelos sujeitos Sem Terra. O transcendental e o mistério, ou melhor, a dimensão religiosa e espiritual se fazia constantemente presente na mística. Nos primeiros anos de existência do MST, o *religioso* e o *político* eram esferas que caminhavam muito forte nas apresentações de mística, sendo partes constitutivas de uma mesma moeda.

O imbricamento entre religião e política na prática da mística do MST chamou a atenção de alguns pesquisadores que procuraram estudá-la enveredando suas análises para essa questão. Esse olhar advém principalmente da mística ser uma prática oriunda da *Igreja*, especialmente das *Pastorais Populares* adeptas à *Teologia da Libertação*. Os pesquisadores José Carlos Sebe. B. Meihy, Andrea P. dos Santos e Suzana Lopes S. Ribeiro destacaram que os resquícios do contato do MST com a Igreja se encontram de forma intensa em sua mística. Nesta perspectiva, concebem a prática da mística como uma “simbologia religiosa”, que também acabou se tornando *política* na organização do Movimento <sup>303</sup>.

Nos seus respectivos trabalhos, Célia Regina Vendramini <sup>304</sup> e Cláudia Dias Mogrovejo <sup>305</sup> também discutiram a mística em sentido *político-religioso*, sendo estas dimensões imbricadas. As autoras procuraram elencar a *importância da religiosidade* presente na mística, demonstrando principalmente a riqueza simbólica em seu interior. Conforme Mogrovejo, a mística seria uma celebração que “mantém vínculo com algumas práticas religiosas”. Como um elo entre *religião e política*, a mística no MST se configuraria então em uma *experiência político-cultural*. Celebrar a mística seria *celebrar a fé*. Convicção naquilo que o MST acredita. Por esta interpretação, a mística seria “a manifestação da fé naquilo que está se fazendo, fé na luta, fé no grupo ao qual se pertence” <sup>306</sup>.

Outro trabalho interessante que reflete sobre a mística enquanto uma prática que agrega em seu fazer o aspecto religioso e político é o do pesquisador José Américo Dinizz Júnior. Para este autor, mesmo que o Movimento intente trabalhar a mística a partir da realidade dos sujeitos, privilegiando as concepções políticas e ideológicas de sua organização, a dimensão religiosa não seria excluída da mística. Ou melhor, mesmo partindo de aspectos objetivos, a mística não perderia sua dimensão de mistério, ligado ao transcendental. Deste modo, “ainda que busque trabalhar a mística no MST de uma forma menos subjetiva e cada vez mais ligada aos objetivos políticos do mesmo, o elemento mistério permanece assim

---

<sup>303</sup> MEIHY, José C. S. B.; SANTOS, Andrea P. dos; RIBEIRO, Suzana L. S. (Orgs). *Vozes da Marcha pela Terra*. São Paulo: Edições Loyola, 1998. p. 246.

<sup>304</sup> VENDRAMINI, Célia R. *Consciência de classe e experiências sócio-educativas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 1997. 291f. Tese (Doutorado em Educação) – UFSCar, São Carlos.

<sup>305</sup> MOGROVEJO, Cláudia D. *Movimento “Sem Terra” (MST): um estudo sobre as idéias político-religiosas de alguns ativistas*. 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação). PUC-RJ, Rio de Janeiro.

<sup>306</sup> MOGROVEJO, Cláudia D. *Movimento “Sem Terra” (MST): um estudo sobre as idéias político-religiosas de alguns ativistas*, p. 64-69.

como influência religiosa sempre presente por meio de seus símbolos”<sup>307</sup>. Na compreensão de Dinizz Júnior, a mística no MST não se constitui como apenas uma celebração, mas sim como uma “ação social”. Não separando religião e política, serviria de *combustível* nas lutas empreendidas pelo Movimento. E, a partir de suas análises, defende a ideia de que “a influência religiosa ainda permanece na mística do MST”, independentemente da aceitação ou consentimento daqueles que coordenam e que escrevem sobre a mística no Movimento. Neste sentido, enfatiza que “é pertinente reconhecer que a mística do MST está intrinsecamente permeada por elementos de influência religiosa, tanto em sua elaboração quanto em sua expressão”<sup>308</sup>.

Talvez o trabalho que enfatize com mais intensidade o entendimento da mística como *interface entre religião e política*, seria o de Nadir Lara Júnior. Partindo do pressuposto de que a *mística* na organização do MST teria origem religiosa, problematiza que no processo histórico ela se configurou como um “instrumento de ação política”, especialmente para as lideranças do Movimento. E mais, tornou-se um arcabouço ideológico para o MST, objetivando aglutinar o maior número de sujeitos comprometidos com suas causas. A sua prática, ora é contextualizada com elementos materialistas, ora com conteúdos religiosos e, por vezes, tendo estes dois elementos conjugados. Lara Junior considera o ritual da mística como sendo uma “estratégia coletiva”, capaz de conjugar conteúdos políticos e religiosos. Em suas palavras:

Parece que, no interior das celebrações, as manifestações artísticas vão conjugando e ‘ajeitando’ as contradições teóricas e práticas do Movimento. Cantando, dançando, emocionando-se com as encenações, as pessoas são tomadas de indignação contra a opressão do sistema capitalista e pela utopia de um mundo melhor. A mística é um desnudamento da religiosidade da Política ou da politização da Religião historicamente construída<sup>309</sup>.

A dimensão religiosa pode até ser algo que ainda permanece na mística praticada pela organização do Movimento, dependendo de cada espaço e circunstância em que é desenvolvida, porém, a partir do momento em que o MST se apropriou dessa prática, os

---

<sup>307</sup> DINIZZ JÚNIOR, José A. *Religião e MST: estudo dos Batistas da Congregação Monte Sião no assentamento “Antônio Conselheiro II” na região do Pontal do Paranapanema*. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo. p. 60.

<sup>308</sup> DINIZZ JÚNIOR, J. A., *Religião e MST*, p. 66.

<sup>309</sup> LARA JUNIOR, Nadir. *A mística no cotidiano do MST: a interface entre religiosidade popular e política*. 2005. 154 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. p. 90.

aspectos políticos e ideológicos privilegiados por sua organização passaram a ser basilares em seu fazer.

Retornando à questão dos símbolos na prática da mística, ao reconhecer que a dimensão simbólica sempre acompanhou as lutas dos Sem Terra, o mais complexo é identificar como vão sendo criados e incorporados os símbolos no Movimento, pois essa relação é muito dinâmica. Segundo Roseli Salete Caldart, existe uma necessidade inerente ao homem de produzir e utilizar símbolos. Nas atividades com os sujeitos do campo, a utilização de simbologias tem grande eficácia, desde que esses símbolos contemplem sua realidade e seu modo de viver. Nessa perspectiva, “o importante neste processo de simbolização é que sua base, a sua matéria-prima é a própria realidade, as experiências vividas pelo indivíduo em grupo”<sup>310</sup>. Sendo os símbolos elementos de comunicação entre sujeitos e grupos, observo, então, que eles necessitam produzir significados a partir da realidade dos sujeitos, servindo como mediação entre realidade e aquilo que o grupo acredita.

Como salientou Rogério Sottili, os símbolos precisam ser “simpáticos” e fazer parte do cotidiano dos sujeitos para que sejam aceitos e passem a ter significados em suas vidas. A construção simbólica de um grupo não é mediada pela “encomenda”, mas sim erigida junto com o grupo. É preciso ter clareza que toda *manifestação simbólica* é mais que *mera simbologia*. Os símbolos expressam múltiplos significados. Sobre a produção simbólica no MST, Sottili explicita:

Os símbolos não são encomendados, mas construídos com simpatia e participação dos sem-terra. A bandeira, o logotipo, e o gesto fazem parte do dia-a-dia. Os elementos da luta diária estão neles: a enxada, o facão, a lona preta, a terra, a resistência, a luta, o trigo, o pão, o homem e a mulher no mesmo grau de igualdade e de importância, o mapa do Brasil e a morte, isto é, falando de forma figurativa, são partes destes trabalhadores que encontramos nos símbolos<sup>311</sup>.

No tocante a isso, atento ao fato de que a criação simbólica no MST também teve sua historicidade, isto é, que no passar dos anos o Movimento foi edificando e incorporando novos símbolos em sua organização e, por vezes, deixando de utilizar com mais frequência outros, como é o caso da cruz e da bíblia. Vale dizer que o Movimento considera oficialmente como seus símbolos “a Bandeira, o Hino e o timbre para correspondência”<sup>312</sup>. Ressalta-se que o MST não faz restrições em utilizar outros símbolos, desde que os mesmos sejam

<sup>310</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra com Poesia*, p. 56.

<sup>311</sup> SOTTILI, R., *MST: A Nação além da cerca*, p. 171.

<sup>312</sup> MST – Cadernos Vermelhos Nº 2. *Normas Gerais do MST*. São Paulo, setembro de 1989. s/p.

ressignificados para as suas lutas. Dessa forma, há orientações para que “todo trabalhador vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra deve respeitar e valorizar os símbolos, como identificação de nossa luta e sinal de unidade nacional”<sup>313</sup>. Em diversos materiais, há referências sobre esses símbolos *oficiais*. O *hino* do Movimento, importante na mística como *canção*, que une todos a uma só voz e ideal, transforma-se também em mais um símbolo de luta. Quanto ao *timbre para correspondência*, de certa forma faz alusão ao maior e mais respeitado símbolo entre as atividades do MST, que é sua bandeira.

**Imagem 10** – Bandeira do MST



Fonte: MST – Caderno do Educando – Pra Solettrar a Liberdade Nº 1. *Nossos Valores*. Veranópolis – RS, junho de 2000. p. 22.

Quando elucidei que o *timbre de correspondência* faz alusão à bandeira do MST, foi devido ao fato de que ele é o mesmo desenho que fica ao centro da bandeira. Esse símbolo maior, que se destaca nas mais diversas atividades e ações em que o Movimento se faz presente, foi construído e aprovado pelos integrantes do MST no ano de 1987, durante o IV Encontro Nacional do MST, realizado na cidade de Piracicaba – SP. Conforme o Movimento, “a bandeira surgiu como uma forma de identificar através de um símbolo, o caráter nacional da luta do MST e da luta da Reforma Agrária”<sup>314</sup>. Para tanto, a criação de uma bandeira, que posteriormente se tornou o símbolo maior do Movimento, tem a ver com o fato de que o MST

<sup>313</sup> MST – Cadernos Vermelhos Nº 2. *Normas Gerais do MST*. s/p.

<sup>314</sup> MST- Caderno de Formação Nº 19. *Calendário Histórico dos trabalhadores*. São Paulo, janeiro de 1993. p. 12.

se preocupava em criar um símbolo que o identificasse perante toda a sociedade e que também pudesse ser ele algo comum e soberano para todos seus integrantes.

Diversas publicações do MST trazem explicações sobre o que significam os elementos contidos na bandeira. Nas fontes consultadas, as explicações são bem semelhantes, em alguns casos idênticas. Veja-se a consensual:

**Cor Vermelha:** Representa o sangue que corre em nossas veias e a disposição de lutar pela Reforma Agrária e pela transformação da sociedade.

**Cor Branca:** Representa a paz pela qual lutamos e que somente será conquistada quando houver justiça social para todos.

**Cor Verde:** Representa a esperança de vitória a cada latifúndio que conquistamos.

**Cor Preta:** Representa o nosso luto e a nossa homenagem a todos os trabalhadores e trabalhadoras que tombaram, lutando pela nova sociedade.

**Mapa do Brasil:** Representa que o MST está organizado a nível nacional e que a luta pela Reforma Agrária deve chegar a todo o país.

**Trabalhador/Trabalhadora:** Representa a necessidade da luta ser feita por mulheres e homens, pelas famílias inteiras.

**Facão:** Representa as nossas ferramentas de trabalho, de luta e de resistência<sup>315</sup>.

Essa é uma interpretação oficial do MST sobre as cores e elementos de sua bandeira. Porém, cada indivíduo pode olhá-la e fazer interpretações distintas em relação à do Movimento, trazendo para sua análise experiências particulares. Ou melhor, ao olhar a bandeira, os sujeitos podem apreender momentos marcantes de sua história na luta com o MST, sendo esses momentos de angústias, alegrias, tristezas e esperanças. Todavia, por meio dessa visão oficial, é possível captar algumas ideias e visões de mundo do Movimento, especialmente das relações de gênero. O homem e a mulher, ou, o *trabalhador e trabalhadora* ao centro da bandeira, reforçam o investimento que o Movimento tem feito no que tange às relações de gênero. Na luta pela terra e na construção de uma nova sociedade, o MST compreende que deve haver também novas relações entre *homem e mulher*, no sentido de que os dois gêneros necessitam caminhar juntos e se respeitar mutuamente. Assim, a *nova sociedade* só poderia ser edificada quando houvesse o rompimento com o *machismo*, o *preconceito* e com as ideias de que a *mulher é inferior ao homem*, devendo-se fazer presente apenas nas tarefas domésticas. Muito pelo contrário, para o MST as mulheres devem ir à luta junto aos homens, em prol de uma *nova sociedade*.

---

<sup>315</sup> MST – Caderno do Educando – Pra Soletrar a Liberdade Nº 1. *Nossos Valores*. Veranópolis – RS, junho de 2000. p. 23.

Contudo, enfatizo que as *relações de gênero*, quando vivenciadas na prática, ou seja, no cotidiano dos acampamentos e assentamentos, são muito frágeis, permeadas de incongruências diante dos discursos que vêm sendo produzidos pelo Movimento. Cristiani B. da Silva, ao analisar particularmente a construção das relações de gênero no MST, constatou que as famílias que integram o Movimento ainda carregam em si características patriarcais, ou seja, aquela visão *estigmatizada* da mulher, a reconhecendo e valorizando apenas no espaço doméstico da casa, ou melhor, na cozinha<sup>316</sup>.

Nas decisões políticas, de enfrentamentos e de relações de trabalho, quem toma a direção, na maioria das vezes, são os homens. Um exemplo bem claro disso pode ser constatado nos trabalhos rotineiros de um assentamento. A mulher pode capinar, tirar leite, ajudar a colher alimentos, plantar, dentre outras tarefas, mas, nesses afazeres, ela é reconhecida apenas como uma *ajudante* do seu cônjuge. Trabalho mesmo ela faz em casa: lavando, passando, cozinhando, cuidando das crianças, entre outras atividades do lar. Dessa maneira, pensando nas relações de gênero, mesmo com discursos avançados, é possível apreender que há limites entre aquilo que o Movimento escreve e sobre as práticas cotidianas nos assentamentos e acampamentos. No que tange ao conceito de *gênero* no MST, é possível dizer que o mesmo é bem limitado, abarcando apenas a relação homem/mulher. Nessa perspectiva, na *nova sociedade* a ser construída, não haveria espaços para outras opções sexuais.

Em relação às explicações oficiais do MST sobre sua bandeira, os significados de suas cores e desenhos contrastam com as diversas imagens criadas exteriormente sobre o Movimento. Nesse caso, é passada uma imagem branda e harmoniosa de sua bandeira. De maneira geral, a bandeira do MST é divulgada pela mídia nos momentos de tensão e conflito, associando sua imagem à violência e desordem. Para aqueles que não se simpatizam com as causas e ideais do Movimento, o homem que segura o facão verticalmente, junto à mulher no centro da bandeira, pode ser interpretado como a imagem violenta e truculenta do MST. No entanto, o facão, a enxada, o rastelo, a foice, são instrumentos comuns da labuta dos trabalhadores rurais. As ferramentas de trabalho, para os sujeitos sem-terra, são partes constitutivas de sua relação com a terra e com a produção. É através delas que se prepara a terra, e também planta e colhe os alimentos. No Movimento, as ferramentas de trabalho também se configuram como símbolo de sua luta e resistência.

---

<sup>316</sup> Para saber mais sobre esta questão, ver: SILVA, C. B., *Homens e Mulheres em Movimento*, p. 85-119.

Considerada o símbolo maior, a bandeira do Movimento passa a ser *objeto de cultivo*, em que os Sem Terra devem respeitá-la, não importando os momentos e circunstâncias. E, para reafirmar a imagem da bandeira, fazendo com que os indivíduos assimilem os seus significados e a incorpore em suas vidas, outros objetos acabam se tornando símbolos para o MST, como é o caso do boné, da camiseta, do chaveiro, bem como de outros materiais que carregam em si a imagem de sua bandeira. Nas apresentações de mística, é imprescindível a bandeira, assim como outros símbolos que se remetem à luta do Movimento, sendo esses os barracos de lona, as ferramentas de trabalho, os alimentos, enfim os símbolos que se fizerem necessários para o desenvolvimento de cada temática que envolverá a apresentação.

As preocupações com a utilização de sua bandeira também puderam ser observadas por parte do Movimento. No mesmo ano em que foi instituída, no Caderno de Formação Nº 13, intitulado *Nossa força depende de nossa dedicação*, o MST sistematizou algumas orientações sobre a utilização de sua bandeira. Neste Caderno, fica evidente o investimento do Movimento em divulgá-la entre os seus integrantes e, também, que a partir deles ela passasse a ser reconhecida por toda a sociedade, no intuito de que o Movimento “seja o mais reconhecido possível e obtenha respeito na sociedade e reconhecimento de sua importância social e política”<sup>317</sup>. Nessa direção, sua utilização deveria ser intensa, em todos os lugares, como nos acampamentos, assentamentos, escolas, sindicatos, centros comunitários, como também “em todos os atos públicos, passeatas, caminhadas, romarias, comícios, concentrações, ocupações, festas de aniversário de luta. Enfim, em todas as circunstâncias em que o povo se reúna, a bandeira do Movimento tem que estar presente”<sup>318</sup>.

Sobre a importância da bandeira no cotidiano dos sujeitos, em 1997, no Caderno de Formação Nº 25, construído exclusivamente para ajudar na preparação dos *Encontros Estaduais e 9º Encontro Nacional do MST*, é expressa uma sugestão de que “cada família tivesse uma bandeira e que a hasteasse em frente a casa como sinal do seu compromisso com a organização do MST”<sup>319</sup>. Desta forma, é interessante que até o tamanho das bandeiras estava relacionado com os lugares em que deveria ser levantada em destaque, com *respeito e distinção*. Sobre o tamanho das bandeiras e seus locais de uso o Movimento ressaltava:

GRANDE: Vamos utilizar este tipo apenas para as cerimônias muito especiais. E para adornar eventos muito importantes, como um congresso, uma celebração religiosa, alguma inauguração, etc...

<sup>317</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. São Paulo, julho de 1987. p. 8.

<sup>318</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. p. 10.

<sup>319</sup> MST- Caderno de Formação Nº 25. *Preparação dos Encontros Estaduais e 9º Encontro Nacional MST*. São Paulo, 1997. p. 45.

MÉDIA: A bandeira desse tamanho deve ser usada nos mastros. Sobretudo, nas escolas dos assentamentos, nos atos públicos, nos sindicatos, etc.

PEQUENA: A bandeira de tamanho pequena é quase para o uso individual e em grande quantidade. Deve ser utilizada como efeito de agitação e propaganda, especialmente nas manifestações, passeatas, atos públicos<sup>320</sup>.

Não importando se a bandeira é grande, média, ou pequena, ela precisaria estar em todo e qualquer lugar em que os integrantes do MST se fizessem presentes. Os tamanhos e os locais a serem utilizadas eram apenas orientações práticas que o Movimento tomou cuidado de organizar. Entretanto, algo que era obrigatório e imprescindível se referia ao respeito perante a esse símbolo. Destarte, “o uso da bandeira deve ser muito respeitoso e cerimonial. Por isso, devemos orientar os companheiros para sempre hastear a bandeira, com uma pequena cerimônia, aproveitando para cantar o Hino do Movimento e fazer alguns discursos sobre a data que transcorre”<sup>321</sup>. Através dessas palavras, havia o intento de que os dois símbolos considerados mais relevantes do Movimento (bandeira e hino) fossem utilizados juntos, como se os dois complementassem um ao outro. No mais, o incentivo, que se tornou também regra na organização do MST, perante o uso da bandeira nos mais variados locais, se dava no intento de divulgar e propagar a luta do Movimento e, simultaneamente, fazer com que os sujeitos incorporassem os seus significados, tornando-a *objeto de cultivo* e respeito.

À medida que era atribuída a ela tanta relevância, o MST entendia que sua bandeira tinha dois objetivos fundamentais. O primeiro se referia àquilo que já pontuei, sendo um instrumento de *propaganda*, ou melhor, teria a função de propagar o Movimento nos mais variados espaços e circunstâncias, em todos os âmbitos da sociedade, não apenas internamente em sua organização. A imagem da bandeira serviria, então, “como a síntese do Movimento, é o rosto do Movimento”<sup>322</sup>. Sobre isso, a partir das minhas experiências, conversando e ouvindo os discursos de diversas lideranças do MST, especialmente nos Encontros e Congressos, observei que havia muitas orientações para que cada sujeito tivesse uma bandeira em sua casa para se lembrar sempre do Movimento e da causa pela qual estaria lutando. Também, em todos os produtos que provém dos assentamentos e eram comercializados nos centros urbanos, havia orientações para que os assentados imprimissem o timbre da bandeira do MST nas embalagens dos produtos. Esse fato estava relacionado à divulgação do Movimento, em especial, e também como sendo uma resposta para aqueles que

---

<sup>320</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. São Paulo, julho de 1987. p. 9.

<sup>321</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. p. 10.

<sup>322</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. p. 9.

não acreditavam na Reforma Agrária e na capacidade dos assentados em produzir para a comercialização, ajudando assim no abastecimento interno de alimentos.

O segundo objetivo fundamental da bandeira estaria relacionado diretamente ao que vinha descrevendo, sendo ela um símbolo imprescindível na mística desenvolvida pelo Movimento. Nessa ótica, na mística “ela se transforma num símbolo, num guia, que motiva, que anima, que faz o militante se emocionar e se envolver na luta. Ela seria a materialização dos nossos ideais, de nossos sonhos”<sup>323</sup>. Por essas palavras, o MST intentava fazer com que seus integrantes criassem um sentimento de valor, admiração e respeito perante sua bandeira, pois ela seria capaz de *guiar, animar e motivar* os sujeitos a continuarem nas pelepas. Ela se tornaria, assim, a síntese de tudo aquilo que o próprio MST acreditava, sendo portadora de seus valores, visões de mundo, sonhos e ideais.

Nesse prisma, era preciso que os sujeitos incorporassem a bandeira e seus significados em suas vidas e caminhadas de luta. Para tanto, observa-se que os símbolos têm uma ligação com o emocional, mexendo com as subjetividades dos sujeitos. Tive essa percepção quando passei a refletir sobre os momentos em que presenciei algumas apresentações de mística. A bandeira do MST preponderantemente se tornava símbolo eminente, em que os olhos dos indivíduos brilhavam e, por vezes, até lacrimejavam ao olhá-la em posição de destaque. Era impossível decifrar o porquê daqueles olhos brilhando. Jamais poderia saber o que se passava na mente dos sujeitos, porém, tinha uma certeza: aquele símbolo ressoava muitos sentidos diante deles. Sentidos esses que não eram banais, mas que para cada um tinha uma particularidade e relevância. Roseli S. Caldart constatou a relação dos símbolos com o emocional e disse que “esta ligação com o emocional é que talvez explique muita da importância da dimensão simbólica numa luta como a dos Sem Terra, tão dramática e tensa, ao mesmo tempo que tão alegre e terna, ou seja, atravessada de emoção de ponta a ponta”<sup>324</sup>.

A pesquisadora Christine de A. Chaves, descrevendo sobre a bandeira do Movimento, como seu símbolo mais respeitado, destacou algo relevante. Por meio da bandeira, que deve ser obrigatoriamente usada na mística, o Movimento canaliza a coletividade do grupo. Também, à medida que esse símbolo passa a ser interiorizado pelos sujeitos simultaneamente vai se construindo um sentimento de pertença ao MST. Sempre que um sujeito ver a bandeira do Movimento, conscientemente ou não, poderá pensar: “eu faço parte deste grupo”. Veja as palavras da autora, observando a bandeira do MST, no contexto da Marcha Nacional para Brasília, no ano de 1997:

---

<sup>323</sup> MST- Caderno de Formação Nº 13. *Nossa força depende de nossa dedicação*. p. 9.

<sup>324</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra com Poesia*, p. 57.

Destacava-se tão só a bandeira, reforçando o caráter coletivo do símbolo. Sob a bandeira do MST, o indivíduo vale como parte do todo expresso pelo ‘coletivo’: ele é positivo apenas enquanto soma. É o todo que conta. *O indivíduo é subsumido pelo coletivo que ela simboliza, valorizado como condição da luta que é a razão de ser Movimento.* Representação do MST como totalidade, entidade moral, a bandeira deve ser colocada, nas palavras do orador, ‘no ponto mais alto que ela puder ser erguida’. (sublinhado meu). A bandeira sintetiza a memória da luta, é símbolo de sua unidade presente, símbolo de sua vitória futura. A bandeira recobre tanto a luta pela terra quanto a luta contra as injustiças <sup>325</sup>.

No fazer da mística, há uma diversidade simbólica muito significativa. Nas apresentações tudo pode se tornar símbolo, desde que tenha sentido no momento e que seja ressignificado em torno das lutas do Movimento, enfocando aquilo que o mesmo acredita. Todos os elementos simbólicos são pensados de acordo com a ocasião e mediante o que se quer expressar. Cada símbolo possui um significado e objetivo na mística. Em relação à questão simbólica na prática da mística, Rosemeire Ap. de Almeida elaborou reflexões significativas. Para ela, a mística teria muito *poder* na organização do MST, porém esse poder não estaria centrado na mística em si mesma, mas, sim, nas condições e no campo em que é gerada e lhe atribuída sentidos. Sendo assim, “a mística é o próprio poder simbólico se realizando por meio da linguagem ritual, dos vocabulários da luta, dos gestos, da postura” <sup>326</sup>. Compreendida como o “próprio poder simbólico”, o desenvolvimento da mística possuiria intenso poder. A sua prática visaria tornar mais perto o sonho da conquista da terra. Sua força não estaria no emissor, nos gestos e nos rituais, mas nas condições em que seria desenvolvida e para o grupo ao qual era direcionada.

No processo de construção simbólica de um grupo, o que se torna complexo é identificar como os sujeitos se apropriam dos símbolos e os interpretam. Sobre os símbolos no MST, Caldart chamou a atenção de que esses podem ser apropriados e ressignificados, a partir dos interesses e contextos históricos os quais o grupo vivencia.

Dá para pensar, então, que o uso dos símbolos, mesmo quando sua origem é externa e às vezes bem comprometida com ideologias que não a da luta mesma, não é algo que possa ser entendido como absorção passiva. Há sempre uma dimensão de re-elaboração, de re-simbolização, que somente será compreendida dentro da situação histórica de emergência de cada símbolo <sup>327</sup>.

---

<sup>325</sup> CHAVES, C. de A., *A Marcha Nacional dos Sem Terra*, p. 81.

<sup>326</sup> ALMEIDA, R. A. de., *(Re)criação do campesinato, identidade e distinção*, p. 187.

<sup>327</sup> CALDART, R. S., *Sem Terra com Poesia*, p. 59.

Como exemplo, menciono novamente a *cruz* e também a *bandeira do Brasil*. Os dois símbolos são externos à organização do Movimento, contudo, em épocas e lutas específicas tiveram grande peso e significância entre os sujeitos Sem Terra, sendo utilizados intensamente na prática da mística. Na primeira metade da década de 1980, a cruz se configurava como signo eminente na luta pela terra, catalisando variados sentimentos dos sujeitos. Sua história era ressignificada para contextos específicos, em que sofrimento e esperança, vida e morte, eram alguns de seus sentidos. Ainda nesse período, a bandeira do Brasil tinha grande peso na mística, porque lutar pela terra na época era também lutar pela redemocratização do país. O símbolo maior da *pátria amada* também se fazia em destaque. Para tanto, além de cultivarem a bandeira nacional, os sujeitos Sem Terra ressignificavam alguns de seus sentidos, principalmente atribuindo a ela um caráter mais *revolucionário*, transpondo a *ordem e progresso*. Isto é, como agentes de sua própria história, os Sem Terra ressignificavam o *lema positivista* descrito na bandeira nacional: a *ordem* deveria ser para que nenhum sujeito passasse fome e nem carecesse de terra para trabalhar, e o *progresso* se relacionaria às pessoas felizes e vivendo com dignidade, coisas que a bandeira do Brasil não conseguia expressar plenamente, especialmente quando se deparava com a realidade social.

Em seus estudos, Pierre Bourdieu ressaltou que a edificação simbólica nos grupos está ligada ao poder, ou seja, os símbolos são *dotados de poderes*. O autor compreende que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”<sup>328</sup>. Nessa perspectiva, penso que os símbolos construídos e trabalhados pelo MST, destacados nos momentos de mística, e em outras ocasiões, possuem um “poder invisível” de se comunicar com os sujeitos, podendo criar representações e orientar muitas de suas práticas.

Algo salutar que Bourdieu enfatizou e que se torna profícuo para refletir sobre a construção e utilização de diversos símbolos no MST, diz respeito ao processo de produção e apropriação dos “sistemas simbólicos”. Não basta apenas que os símbolos sejam produzidos, é necessário que os sujeitos se apropriem deles e o incorporem, fazendo com que os mesmos tenham relevância e sentido em suas vidas<sup>329</sup>. Todo símbolo possui um significado e é construído com uma intencionalidade, mesmo que posteriormente seus sentidos originais sejam deturpados ou ressignificados. Para tanto, os símbolos passam a ter *poder* a partir do momento em que são apropriados e incorporados pelos grupos. No caso dos símbolos expressos nos momentos de mística, eles só iriam ter significado e relevância se ressoassem

---

<sup>328</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 7.

<sup>329</sup> BOURDIEU, P., *O Poder Simbólico*, p. 12.

algum sentido sobre a realidade e as experiências de luta dos sujeitos. Em contrapartida, se estivessem deslocados e estranhos à realidade dos integrantes do Movimento, os símbolos não adquiriam poder.

Por parte do MST, todo investimento na construção de seus símbolos de luta, também no uso de outros símbolos que remetem às pelepas do Movimento e de seus integrantes, está associado ao fato de que eles são capazes de “produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia”<sup>330</sup>, isto é, o MST entende muito bem que os símbolos são instrumentos importantes para se comunicar com seus integrantes, fazendo também com que eles se sintam pertencentes ao Movimento. Sobre o pensamento de que os símbolos são capazes de produzir “efeitos reais” nos grupos, o “poder simbólico” só é constituído na medida em que “faz ver e crer”, se for “reconhecido pelo grupo e ignorado como arbitrário”<sup>331</sup>.

A imagem abaixo corresponde a uma mística apresentada no XIII Encontro Nacional do MST, realizado entre os dias 20 a 24 de janeiro de 2009, no assentamento *Novo Sarandi*, no município de Sarandi – RS. Nesse Encontro, estava sendo comemorado os vinte e cinco anos de existência do Movimento, com a participação de mais de 1000 participantes. Essa mística foi preparada pelos integrantes do MST da região Centro-Oeste, momento em que deveriam apresentar algo que lhes era particular ao contexto de suas lutas na região. O tema central foi apresentar que o Centro-Oeste estava sendo *engolido* pelo agronegócio, sobretudo, pelas empresas que cultivavam eucalipto, cana e soja, e que os Sem Terra, junto com outros grupos sociais do campo e da cidade, necessitariam se organizar para combater essa situação.

---

<sup>330</sup> BOURDIEU, P., *O Poder Simbólico*, p. 15.

<sup>331</sup> BOURDIEU, P., *O Poder Simbólico*, p. 14.

**Imagem 11** - Apresentação de mística no XIII Encontro Nacional do MST, realizado entre os dias 21 a 25 de janeiro de 2009, no município de Sarandi – RS.



Fonte: Fabiano Coelho (Acervo Pessoal).

Como se pode perceber, à esquerda, estavam pessoas representando o agronegócio, vestidas com uma roupa verde e carregando em suas mãos pedaços de cana, galhos de eucalipto e soja. Na dramatização, elas eram os inimigos da classe trabalhadora. Os seus gestos e semblantes são *pesados*, demonstrando seu furor e impiedade contra os pobres do campo. A qualquer momento poderiam atacar e destruir a classe trabalhadora. À direita, munidos de suas ferramentas de trabalho e dos *frutos da terra*, estavam homens e mulheres que dependiam da terra para trabalhar e sobreviver. Esse grupo representava a necessidade da resistência contra a ofensiva e perversidade dos *empresários do campo*. Firmes e em posição ereta, não arredariam pé para defender os seus objetivos e direitos negligenciados. Percebe-se, através da fotografia, que o conteúdo principal dessa apresentação era a luta de classes. Ou melhor, para conquistar seus direitos, a classe trabalhadora, sem pestanejar, deveria partir para o embate de classes.

Ao centro da imagem se encontrava mais um *lutador do povo*, junto à classe trabalhadora! Vestido como trabalhador rural, com uma foice e um lenço vermelho em sua mão direita erguida, simbolizando rebeldia e resistência, em posição ereta, com uma expressão séria e tensa, como o momento requeria, recitou uma poesia propícia para a temática da mística. Em um tom dramático, evidenciando a seriedade do que estava encenando dizia:

Por mais que calem  
Por mais voltas que o mundo dê  
Por mais que neguem os acontecimentos  
Por mais repressão que o Estado imponha  
Por mais que se lambuzem com a democracia burguesa  
Por mais greve de fome que silenciem  
Por mais amontoados que estejam os cárceres  
Por mais pactos que façam com os controladores de classe  
Por mais guerras e repressões que imponham  
Por mais que tentem negar a história e a memória de nossa classe

Mais alto gritaremos:  
Assassinos de povos  
Miséria de fome e liberdade  
Negociadores de vidas alheias  
Mais alto que nunca, em grito ou silêncio,  
Lembramos vossos assassinatos

De pessoas, vidas, povos e natureza  
De lábio em lábio, passo a passo, pouco a pouco <sup>332</sup>.

Com certeza, o poeta Salvador Puig Antich não compôs essa poesia pensando na luta dos Sem Terra. Provavelmente escreveu esses instigantes versos visando denunciar a exploração, a violência e a repressão que o Estado fascista espanhol vinha empreendendo sobre a classe trabalhadora. Fica evidente que é um poema de protesto e denúncia. Porém, sua escrita também é um chamamento para a necessidade de resistência por parte do povo oprimido. Ao ser declamada, em uma apresentação de mística no MST, o Movimento se apropriou dos discursos da poesia e os ressignificou para suas lutas. No momento, de acordo com a temática da mística, a poesia comunicava aquilo que o MST desejava: denunciar as injustiças, violência, opressão da classe trabalhadora e chamava a atenção para que os sujeitos resistissem à ofensiva do agronegócio, mesmo que fosse através do embate. Os sujeitos Sem

---

<sup>332</sup> ANTICH, Salvador Puig. Por mais que calem. Poeta espanhol, viveu entre os anos de 1948-1974, foi militante político na região de Catalão. Durante o regime fascista do ditador Francisco Franco sofreu inúmeras perseguições, sendo preso, julgado e morto.

Terra não poderiam se calar. Ao contrário, deveriam “gritar mais alto, de lábio em lábio, passo a passo, pouco a pouco”, as injustiças contra a classe trabalhadora.

O objetivo de utilizar esta imagem foi para demonstrar a riqueza de elementos que se pode encontrar numa mística. Pelo menos nos Encontros e Congressos considerados mais importantes, os ambientes em que se desenvolve a mística são muito bem ornamentados. Nesses casos, a beleza se torna fundamental. Todos os elementos que faziam parte do local foram estrategicamente pensados. Na imagem havia uma diversidade de alimentos, como milho, abóbora, beterraba; também havia flores, reforçando a estética do local. Os alimentos sempre estão presentes na mística, pois evidenciam os *frutos da terra*, o *pão da vida*. As ferramentas de trabalho, assim como a imponente bandeira do MST, também se faziam presentes. É possível observar que também havia duas bandeiras verdes da Via Campesina<sup>333</sup>, parceira do MST na luta contra a expropriação e exploração dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. Durante essa mística, recitou-se a poesia já mencionada, bem como foram cantadas algumas músicas relacionadas ao momento. Em relação às canções, o hino do Movimento, ao final, coroou a apresentação. De punhos erguidos, os sujeitos reforçavam a assertiva de que *o amanhã pertencia aos trabalhadores*.

No intuito de evidenciar a riqueza e dinamicidade que envolve o fazer da mística entre as diversas atividades que o MST organiza, destaco outra apresentação de mística. Ela foi desenvolvida no encerramento da *Conferência Internacional Dilemas da Humanidade: diálogos entre civilizações*, entre os dias 21 e 24 de julho de 2004. Tal Conferência foi organizada pelo Movimento, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e o evento fez parte das comemorações dos vinte anos do Movimento.

Aproximadamente quinhentos estudantes, professores, dirigentes e militantes de movimentos sociais compareceram nas discussões ocorridas no auditório da *Funarte*

---

<sup>333</sup> A Via Campesina é uma organização internacional que visa defender os interesses dos trabalhadores rurais (campeiros), ajudando a coordenar organizações de pequenos e médios trabalhadores rurais, bem como organizações de mulheres no campo e comunidades indígenas da Ásia, África, América e Europa. Sua gênese oficial foi em abril de 1992, quando vários dirigentes camponeses da América Central, América do Norte e Europa reuniram-se no Congresso da União Nacional de Agricultores e Pecuáristas (Unión Nacional de Agricultores y Granaderos-UNAG), na Nicarágua, formalizando a Organização. Nos seus mais de quinze anos, a Via Campesina vem trabalhando na construção de uma política de alianças com outras forças sociais, econômicas e políticas, a nível mundial, para lutar pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras do campo. No Brasil, a Via Campesina é composta pelas seguintes organizações sociais: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores, MAB Movimento dos Atingidos por Barragens, MMC - Movimento de Mulheres Camponesas, FEAB - Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, CPT - Comissão Pastoral da Terra, e PJR - Pastoral da Juventude Rural. Para maiores informações sobre a Via Campesina, um instrumento interessante é coletar informações em seu site na internet: [www.viacampesina.org/main\\_sp/](http://www.viacampesina.org/main_sp/).

(Fundação Nacional de Arte). O evento teve um caráter internacionalista, contando com a presença de intelectuais de diversas partes do mundo, como do Canadá, China, Cuba, França, Hungria, Israel, Líbia e Venezuela. No geral, os assuntos debatidos foram acerca da globalização neoliberal e das formas de enfrentar esse processo. Os temas foram amplos, como trabalho, cultura, dominação, meio ambiente, organização social, poder e resistência popular<sup>334</sup>. Abaixo, a imagem como um documento histórico, possibilita edificar algumas reflexões sobre as intencionalidades da mística apresentada para aquele momento.

**Imagem 12** - Mística apresentada no encerramento da *Conferência Internacional Dilemas da Humanidade: diálogos entre civilizações*, Rio de Janeiro – RJ, 2004



Fonte: Douglas Mansur. In: *Revista Sem Terra*. São Paulo, set/out. 2004, p. 41.

---

<sup>334</sup> PASQUALINO, Beatriz. Conferência discute a “crise do destino” da humanidade. *Revista Sem Terra*, São Paulo, set/out. 2004, p. 40.

Um evento organizado pelo MST não poderia deixar de ter uma mística. A imagem evidencia que a mística foi preparada especificamente para aquele contexto e também pensada a partir de todos os sujeitos que estavam ali presentes, sendo eles de diversos países. O repórter fotográfico Douglas Mansur, que vem registrando imagens do MST desde o seu nascimento, teve a perspicácia de materializar o momento ápice desta apresentação. Como o tema do evento contemplava as maneiras de combater a política neoliberal no mundo e criar alternativas para a emergência do poder popular, a mística procurou mostrar a luta dos povos em busca de um novo mundo, em que novas relações sociais pudessem ser construídas.

O alvo é o globo terrestre, simbolizando todos os países. A utopia expressa nessa mística correspondia ao ideal marxista de que *todos os povos se unam* e conquistem a transformação social. Os sujeitos participantes da mística representavam as nações do mundo. De costas, duas mulheres com chapéus, representando os trabalhadores e trabalhadoras rurais, atestavam a necessidade e responsabilidade desses para as mudanças. Entretanto, as estruturas não poderiam ser transformadas isoladamente. Homens, mulheres e crianças do campo e da cidade teriam de se unir contra as políticas neoliberais, caminhando rumo ao socialismo ou, pelo menos, a um mundo em que as desigualdades sociais fossem superadas.

Em preto e branco, a imagem foca com nitidez o anseio dos sujeitos em conseguir encostar e segurar o globo terrestre. Com os braços estendidos e mãos abertas, parece que as pessoas estavam fazendo uma força absurda almejando chegar ao alvo. As diversas mãos expressavam também o ideal da soberania popular dos povos. Ou seja, somente com a união dos trabalhadores e das trabalhadoras que se conseguiria construir um Governo de caráter popular, em que a sociedade como um todo seria ouvida e inclusa nas propostas políticas, não apenas a minoria dominante. Nesse contexto, muito mais do que uma apresentação, a mística queria expressar algo e chamar a atenção dos sujeitos para uma nova *política internacionalista*, em que uma nova *sociedade mundial* deveria ser construída. Deste modo, ecoou com intensidade no desenvolvimento da mística uma palavra de ordem muito utilizada no MST: “Globalizemos a Luta, Globalizemos a Esperança”.

Aos que observam a prática da mística apenas como uma mera apresentação entre as atividades do MST, ela não tem muito significado e sentido. Nessa perspectiva, as apresentações ficam relegadas apenas ao plano da beleza e estética. Todavia, para o Movimento e para os indivíduos que o integra, a mística se configura como algo essencial na luta pela terra e nas pejejas cotidianas. Procurei demonstrar que toda a diversidade de elementos que compõem o fazer da mística condensa múltiplos significados. Os símbolos, as músicas e poesias utilizadas nas apresentações se configuram como síntese daquilo que se

quer expressar. E, sendo fundamentais nos momentos de mística, são dotados de poder. Não querendo esgotar a multiplicidade de interpretações sobre o fazer da mística, observei que, para o MST, tudo o que estava relacionado a esta prática deveria estar a serviço do seu devir.